

SE NÃO CONTAR, A GENTE VAI ESQUECENDO

MEMÓRIAS RIBEIRINHAS



ORGANIZAÇÃO
Mariana Molina e Thaís Espinosa

SE NÃO CONTAR, A GENTE VAI ESQUECENDO

MEMÓRIAS RIBEIRINHAS



ORGANIZAÇÃO
Mariana Molina e Thaís Espinosa

AUTORIA

Diego Ferreira Lopes, Eduardo Neves, Esvaldina Pereira, Francisca Pinho Alves, Francisco da Chagas, Gezuíta Gomes de Oliveira, Hugo Carvalho Neves, Ilma Gomes Silva, João Bernaldo Lopes, Joca, Mair Braga Mendes, Paçoca, Raimundo Pinho Alves, Raimundo Vivaldo Garcia, Teresa Pereira Gonçalves e Valdivina

ORGANIZAÇÃO

Mariana Molina e Thaís Espinosa

DIAGRAMAÇÃO

Christian Salmeron

EDIÇÃO

Anaclara Volpi Antonini,
Mariana Molina e Thaís Espinosa

ILUSTRAÇÃO

Flávio Dutka

FOTOGRAFIA

Thaís Espinosa

PREFÁCIO

Elizeu Braga

REVISÃO

Alan Lobo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Se não contar a gente vai esquecendo : memórias ribeirinhas / organização Mariana Molina e Thaís Espinosa. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2024.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-16394-9

1. Comunidade ribeirinha - Brasil 2. Histórias de vida 3. Memórias (Gênero literário) I. Russo, Mariana Molina. II. Alonso, Thaís Espinosa.

24-246418

CDD-B869.803

Índices para catálogo sistemático

1. Memórias : Literatura brasileira B869.803

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SE NÃO CONTAR, A GENTE VAI ESQUECENDO

MEMÓRIAS RIBEIRINHAS

ORGANIZAÇÃO

Mariana Molina e Thaís Espinosa

SUMÁRIO

09 Prefácio

10 Apresentação

13 Entrar com pés descalços e sem relógio

20 Memórias ribeirinhas

20 Quando eu era criança, a gente já
trabalhava muito, mas também brincava, ó
Dona Gezuíta - Núcleo Araçá

24 Se não contar, a gente vai esquecendo
Seu Chagas - Núcleo Araçá

30 Criamos todos nossos filhos assim:
graças à farinha!
Dona Teresa - Núcleo Araçá

36 Minha timidez começava desde aí, por
causa da minha cor e da minha pobreza
Seu Mair - Núcleo Araçá

44 Nós tem que saber viver, minha
filha, o mundo é nosso...
Seu Joca - Núcleo Arrozal

56 Quando a gente faz artesanato, é
assim: põe o que mora dentro da gente
Francisca e Raimundo - Núcleo Bela Palmeira

64 Eu sou do mato, né?
Diego - Núcleo Neves

72 Enquanto ajeitava a panela com as comidas,
escrevia na mente versos de um cântico
Dona Esvaldina - Núcleo Neves

80 Tem muita história aqui
Hugo - Núcleo Neves

86 Por aí, restou só aqueles camposão de soja, gado
Seu Dudu - Núcleo Neves

92 Naquele tempo, o ouro era a borracha, né?
Seu Vivaldo - Núcleo Neves

100 Uma parteira sabe de muitos
remédios, senhora!
Dona Valdivina - Núcleo Pupunhas

106 A gente aprende, continuando fazendo, né?
Seu Paçoca - Núcleo Pupunhas

114 Eu gosto de ir no remo, no silêncio
Dona Ilma - Núcleo Silva Lopes

120 Era no tempo da escravidão
João Bernaldo - Núcleo Silva Lopes

131 Território marcado pelos fluxos exploratórios

135 A RESEX Lago do Cuniã

140 Habitar um tempo dilatado

143 Fazem parte dessa construção

147 Referências





PREFÁCIO

A memória é onde o rio começa
A casa onde se estende a rede
As mãos mergulhadas na terra
O remo e os braços
O Lago e a canoa
O voo dos biguás
A casa de farinha
O vento guardado no tempo
que te ensina não esquecer
como se planta
como se cura
Onde cada folha, raiz, semente, caroço, cipó
te diz pra que serve

A memória vai tecendo,
vai cavando até achar na gente nosso olho d'água

Cada lugar guarda
Cada pessoa ensina

Por isso esse livro
que vai contar pelas vozes dos que vivem e respiram Cuniã
que no Tupi significa: “mulher adulta”

esse pedaço encantado do mundo na beira do rio Madeira,
que também se chama rio Iruri (rio que treme)

A memória nunca é só uma
Ela também vem cheia de remansos e banzeiros.

Por Elizeu Braga

Se não contar, a gente vai esquecendo – Memórias ribeirinhas é um convite para nos aproximarmos das histórias de vida de moradores da Reserva Extrativista Lago do Cuniã, comunidade ribeirinha da Amazônia brasileira, localizada no estado de Rondônia. Reafirmando a potência do encontro entre memória, oralidade e escuta, o livro tem como objetivo preservar e difundir saberes, costumes e tradições desse território.

Cada história é contada por um morador ou moradora que narra como é a vida no Lago do Cuniã, as memórias desse lugar, os caminhos percorridos pelo Rio Madeira e os pensamentos e sonhos que carregam consigo. São narrativas que relatam os desafios de quem vive na floresta amazônica e a sabedoria precisa para que possamos seguir habitando esse mundo, em consonância com as diversas formas de vida.





ENTRAR COM PÉS DESCALÇOS E SEM RELÓGIO

Somos Mariana Molina e Thaís Espinosa, ambas de São Paulo, nos conhecemos em 2017 nas reuniões do NAPRA (Núcleo de Apoio às Populações Ribeirinhas da Amazônia). Além das reuniões para conhecer parte do contexto amazônico, o NAPRA realiza imersões com voluntários que se dividem e passam um mês em três comunidades ribeirinhas de Rondônia, atuando em diferentes projetos. Juntas, trabalhamos na organização de um espaço de biblioteca comunitária em Nazaré. Sem saber, naquele momento a semente do livro já estava sendo plantada. Nessa época conhecemos o trabalho de Elizeu Braga, poeta ribeirinho que aborda, entre outras temáticas, violências históricas nas comunidades tradicionais de Rondônia. Desde que nos conhecemos, ficamos conectados e “*sonhando utopias*”, como costuma dizer o poeta. Em 2019 ele nos convidou a contribuir na Arigóca, espaço cultural que acolhe diversas manifestações da cena artística rondoniense e palco de incentivo para a organização deste livro.

Mariana Molina é psicóloga pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 2016 participou de um projeto de extensão com escuta e registro de memórias de populações ribeirinhas do município de Manacapuru (AM), resultando em um livreto com a história de vida dos moradores, que foi inspiração deste projeto.

Thaís Espinosa é formada em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas. Por meio de um projeto de pesquisa, esteve em 2015 estudando a cooperativa de agrossilvicultores do RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado), no distrito de Nova Califórnia em Porto Velho (RO). Pela agência de jornalismo Amazô-

nia Real, relatou a situação de estudantes das comunidades ribeirinhas que passaram mais de 9 meses sem aula; as queimadas e seus impactos no início do governo Bolsonaro; e em 2022 o impacto da pandemia e da falta de escola em jovens e crianças que passaram a trabalhar nos garimpos.

Nesse caminho de escuta dos povos da floresta, percebemos a importância da memória e da diversidade de narrativas no processo de compreensão do nosso passado e presente. Por meio da produção e partilha desse livro, nosso desejo é cooperar com a difusão e o respeito aos saberes tradicionais ribeirinhos e seu modo de vida. O pensamento do ativista Ailton Krenak nos mostra que somente a diversidade de todas as formas de vida e a recusa da ideia do humano como superior aos demais seres podem ressignificar nossas existências e refrear nossa marcha em direção ao abismo. Essas narrativas relatam os desafios e a sabedoria de quem vive na floresta amazônica e que, junto de outros povos da floresta, contribui para que a humanidade siga habitando esse mundo e resistindo ao abismo.

Organizar esse material foi também uma maneira de reaccessar alguns encontros e reviver momentos. Ler a fala de um morador, rever as imagens e ouvir os áudios, ainda que não substitua o estar junto, aproxima da sensação de ouvir uma história pela primeira vez. Contar uma história de vida é fazer um convite à intimidade – nesse lugar temos aprendido a entrar com pés descalços e sem relógio. Fica aqui o nosso convite! Se acheque.

Mariana e Thaís







DONA GEZUÍTA
NÚCLEO ARAÇÁ

Quando eu era criança, a gente já trabalhava muito, mas também brincava, ó

Eu nasci em Itacoã¹, mas meu pai me falou que eu cheguei aqui no Araçá com 1 ano de idade. Aqui estudei até o 2º ano do Ensino Fundamental, conheci meu esposo e me interessei mais no casamento. Depois que eu me casei, tive estudando duas semanas, mas o professor saiu e não teve mais aula, aí a gente parou. Nossa vida era assim: trabalhando de roça, quebrando castanha, fazendo farinha. Trabalhei muito na roça mesmo e, depois que eu me casei, ainda fazia trabalho braçal também. Era todo o tempo nós dois trabalhando, até o tempo que nós se aposentemo. Agora trabalho mais aqui por casa mesmo, pelo sitiozinho.

Minha infância foi simples. Em parte, eu vivia trabalhando com meu pai. Antigamente ninguém dava muito valor pra estudo, o que os pais queriam mesmo era o trabalho, aí nós fomo pra roça. Quando era onze horas eu chegava do roçado, tomava um banho, pegava a farda e me metia a ir pro colégio.

Era assim **quando eu era criança, a gente já trabalhava muito, mas também brincava, ó**. No final de semana, na boca da noite, a gente se ajuntava num terreno bonito

1. Itacoã, assim como a Resex Lago do Cuniã, é uma das onze comunidades ribeirinhas do Baixo Rio Madeira que abarcam o distrito de São Carlos.

e quando era a noitão de luar, a gente ia brincar com os primos da gente. Daí, quando era umas nove horas da noite, cada um ia pra sua casa, tomar banho e deitar.

Eu lembro um pouco das brincadeiras da gente. Tinha aquela canção da margarida, que era assim: “*Descobrir a margarida, olê, olê, olá*”. Não me lembro mais dos outros versos porque a gente esquece mesmo, né? Quando a gente tá na calma, a gente alembra mais. Sei que a gente ficava em roda cantando a música e apontando um a um pra quem tava dentro da roda. Quando terminava a música, parava apontando pra uma pessoa e daí a gente tirava ela fora. Já brincou assim?

Pois é, na minha época as brincadeiras eram tudo assim, mas hoje não existe mais essas brincadeiras de roda e criança brincando em noite de luar. Com essas arrumação de celular, as crianças tão tudo metida em uma telinha. Eu brinquei muito, mas, como disse, trabalhei muito já. Queria era ter a saúde de antes porque, se fosse por mim, até hoje eu tava trabalhando de roça. Eu gostava, ó, e ainda gosto, eu chego até a sonhar com a roça, acredita? Mas, é claro, porque a gente é acostumado no trabalho, né? Hoje eu tenho problema de diabete, por isso parei de trabalhar no pesado. E é assim: todo mundo sabe que tem sempre que ir fazendo movimento porque senão as coisas ficam mais difíceis pra gente na velhice.

Eu também gostava muito de pescar, Deus o livre, comecei quando eu já tinha uma certa idade e até hoje, de vez em quando, eu ainda pesco. Não pesco mais como antigamente, que pegava de monte. Sabe, eu gosto de



pegar peixe de caniço², que é a vara que a gente tem. Boto a isca no anzol e vou pro meio do lago. Gosto dessa calmaria, é bom demais.

Fotografias

1. Dona Gezuíta, 2019.
2. Dona Gezuíta e o esposo, Seu Chagas, 2019.

2. Caniço é um instrumento de pesca utilizado por pescadores, tanto na modalidade esportiva como de subsistência, destinando-se à captura de espécies costeiras, bem como na pesca interior. O instrumento divide-se em 4 partes, denominadas vara, linha, alça e anzol.



SEU CHAGAS
NÚCLEO ARAÇÁ

Se não contar, a gente vai esquecendo

Eu vou falar uma história que eu tenho do meu passado até o meu presente. Meu nome é Francisco da Chaga, mas todo mundo me chama de Chagas, nasci no Amazonas, no município de Humaitá. Assim, eu não tive a oportunidade de estudar porque papai precisou muito de nós pra sustentar nossa família. Eu trabalhava com ele pra pegar castanha, aí depois fui cortar seringa³. Fui seringueiro por muitos anos. Comecei quando eu tinha 12 anos de idade lá no alto do Rio Machado⁴, que é um rio que joga nesse Rio Madeira. Quando meu pai veio pra Rondônia, eu tinha bem meus 13 pra 14 anos. Mas tenho mais tempo de convivência aqui do que na minha terra natal, então eu me sinto um rondoniense já. Antes de vir pro Cuniã, eu passei por vários outros lugares também: Manaus, Humaitá, Maravilha. Maravilha é uma comunidade que fica perto de Porto Velho, pela margem esquerda, e também morei no Núcleo Bela Palmeira, aqui mesmo no Cuniã.

Tem 43 anos que moro aqui no Araçá. Foi onde eu me dediquei, gostei e parei. Cuniã é um lugar muito bom, sempre eu falo que, se existe paraíso, um pedacinho dele é aqui onde a gente mora. Nós temos uma convivência

3. Nome popular dado à árvore seringueira.

4. O Rio Machado ou Rio Ji-Paraná atravessa o estado de Rondônia no sentido Sudeste-Norte e desemboca no Baixo Rio Madeira, próximo à vila de Calama.

muito especial aqui nesse Araçá, a gente vive entre família mesmo e vive muito bem. Então é por isso que eu tô morando aqui nesses anos todos e não pretendo sair não.

Lembro de uma história que eu procurei saber logo quando eu cheguei aqui no Cuniã. Perguntei por que o Araçá tinha esse nome, aí me informaram que é por causa que o primeiro morador que viveu aqui tinha um touro que o nome era Araçá, aí ficou esse nome aqui também. Diz que era um touro bravo que só. Isso é o que dizem, né? Essa é a versão primeira que eu tive. Porque aqui mesmo nem tinha a árvore da fruta. Hoje que tem muitas árvores de araçá aí. A história diz que o nome é por causa desse touro bravo e forte que viveu aqui.

Minha mulher também é filha daqui do Araçá. Nos conhecemos em uma festa de São João na casa do meu pai. Depois nós começamos a se falar através de carta, até que chegou um dia de nós se encontrar de novo, aí já marcamos casamento logo. Foi rápido porque eu tava enjoando da vida de solteiro, sabe? Já tava com 25 anos e precisava ter uma pessoa pra cuidar de mim porque a mamãe já tava velha. Então foi assim... Nós temos hoje 43 anos de casado e criamos todos nossos filhos bem aqui.

Eu me sinto bem quando falo que nós construímos nossa família. Porque a gente, quando casa, ainda não é uma família, né? Eu me sentia como um casal, ainda não era uma família, entendeu? Sempre achava bonito chegar perto do meu pai e da minha mãe e tomar benção: “*Benção pai, benção mãe*”. Ouvir essa voz tomando a benção é gostoso, né? Eu vejo assim.

Pois é, e aqui mesmo a gente ficou. Eu tinha um sonho de vir morar no Cuniã porque é como sempre eu falo: aqui tem um potencial muito forte de riqueza natural. Agora, com a construção da pequena agroindústria, vejo que vai ser bom pra gerar renda pra nós aqui da comunidade. Como te falei, trabalhava com a roça, depois fui cansando e passei a trabalhar operando madeira, que é de onde ainda vem minha renda às vezes. Num tempo desses que o ICMBio⁵ liberou duas árvores de madeira por família, eu fui trabalhar pra treze famílias, peguei a tarefa de serragem, gostei e abandonei a roça. Agora que encerrou o serviço de madeira, não tem mais trabalho e fiquei sem renda. Vivo do meu salário de aposentado e o salário da minha mulher, aí a gente vai aguentando. Daqui pra ali, às vezes aparece um serviço, e a gente vai fazendo pra ter um complemento na nossa renda.

No tempo que eu trabalhava na roça, fazia muita farinha d'água e farinha de tapioca, sabe? O processo de feitura da farinha d'água é muito grande e trabalhoso porque você chega na roça, arranca a mandioca, bota de molho, aí arranca outra de novo. Descasca tudo, seva⁶, lava, depois

5. Por se tratar de uma Reserva Extrativista, a exploração comercial de recursos madeireiros e outros produtos é limitada em bases sustentáveis e em situações especiais e complementares às demais atividades desenvolvidas na reserva, conforme o disposto em regulamento.

6. Sevar consiste em ralar a mandioca para produzir a farinha. Seu Chagas explica que é um processamento que acontece na casa de farinha utilizando-se uma ferramenta que dão o nome de “caititu”, um motor elétrico com uma lâmina que realiza a seva da mandioca até a mesma virar uma massa. Diz que para extrair o tucupi (caldo amarelo tirado da raiz da mandioca e muito utilizado na culinária da região Norte) realiza-se esse processo.

mistura bem misturado, prensa pra enxugar bem, depois passa pra peneira, e aí sim que bota no forno pra torrar.

Tá entendendo? Depois de todo esse processo, demora ainda umas duas horas pra sair uma fornada torradinha, crocante mesmo. Já a tapioca não, ela torra muito rápido, num dá nem uma hora o processo todo.

Na roça, trabalhava eu, minha mulher, o meu menino, a minha nora e a minha filha. Eles estudavam, aí, quando era dia de torrar, eles ficavam até dez hora com a gente torrando e depois iam pro colégio. Eu cansei de botar minha neta no pescoço pra ela merendar, enquanto eu ficava mexendo nos dois forno pra não tostar a farinha. Depois da merenda, ela pegava o remo dela e ia mexer a farinha também. Era um serviço muito bom, mas cansativo, só manera quando vende a farinha e pega o dinheirinho. Nós fazia dez sacas por mês, aí às vezes eu levava pra Porto Velho pra vender... Essa vida de roça não é fácil não, as pessoas sofrem muito.

Pois é, eu tenho muitas outras lembranças daqui. Nós aqui do Araçá sempre fomos muito unidos. Antes de chegar a televisão na nossa comunidade, era assim: no final de semana, nós se ajuntava tudo numa casa pra contar história na boca da noite e levava até uma da manhã quase. Eu contava muita história, não vou negar não, mas devido eu ficar muito tempo parado de contar, eu esqueço. Depois que a televisão chegou aqui, já tem uns vinte e poucos anos, parou esse negócio de sair em casa de vizinho pra contar uma história. Quando sai, é pra assistir. Aí pronto: **se não contar, a gente vai esquecendo**, né... Eu esqueci de muita coisa.

Na época, quem tinha televisão aqui era o cumpadre Mair e o cumpadre Coca, nera? E aí a gente ia pra casa deles pra assistir o jornal, depois via novela e tal, ficava lá até umas hora contando história e depois que vinha embora pra casa. Pois é, mas paramos de contar história um pro outro. Era bom, ó... Um contava história, o outro fazia adivinhação, era legal.

Esses menino tudo, meus netos e a criançada, sabem adivinhação. É que eles se acanham e não querem falar. Minha netinha mesmo faz cada pergunta pra mim, que eu fico de queixo arriado! Eu também tinha um irmão que gostava muito de contar história, o Zeco. Nós somo em oito irmãos: sete homens e uma mulher. Agora nós somo em sete porque ano passado eu perdi Zeco, um irmão muito querido. Diz que morreu dormindo numa rede, foi parada cardíaca, é muito difícil. Ele tinha 70 anos, com filho, neto, uma das meninas dele faz faculdade. Os outro tudo estudaram, mas não chegaram a caminhar pra faculdade. Esse meu irmão, graças a Deus, o pessoal gostava muito dele. Eles diziam que o Zeco tinha um Uirapuru⁷ porque, aonde ele tava, tava cheio de gente em volta dele. É que ele era metido a contar história também, contava piada, era cheio de graça ele. Ixi... Era gaiato demais aquele meu irmão, Deus ô livre! Ele dançava, pegava a mamãe e fazia mamãe dançar também... Meu Deus do céu, o que é bom dura pouco, né?

Fotografia

Seu Chagas, 2022.

7. Para indígenas de diversas etnias, o Uirapuru é um pássaro especial, considerado portador de mensagens espirituais. Possui canto melodioso que tem o poder de encantar aqueles que o escutam.



DONA TERESA
NÚCLEO ARAÇÁ

Criamos todos nossos filhos assim: graças à farinha!

Tenho 68 anos, nasci no Mirari⁸, que é pra baixo de Calama⁹. Foi lá que eu nasci. Quando vim pra cá eu tinha 2 anos de idade, meus pais falaram que eu cheguei com essa idade e aqui fiquei até hoje. Vim eu, meu pai, minha mãe e meus irmãos. Nós somos em dez, só que já morreu uns, agora nós somos em quatro irmãs e três irmãos. Meus pais vieram pra tentar viver melhor, sabe? Buscar uma condição melhor de vida. Nossa família era assim: onde tava um, todos queriam tá junto. O irmão mais velho do meu pai veio pra cá e os outros foram acompanhando, nós viemos também e aqui ficamos. Desde que nós chegamo aqui nosso serviço era plantar roça. Roça que eu falo é macaxeira. A gente fazia farinha e vendia pra ir sobrevivendo e ajudar nossos pais. Aí depois, quando nós crescemo, nós mesmo fazia nossa farinha e vendia pra comprar nossas coisinhas, sabe?

Aqui nós brincava, trabalhava, fazia tudo. Brincava muito de bola, de casinha, de boneca. Naquele tempo a gente brincava muito de boneca. Hoje ninguém mais brinca, né? A gente fazia umas casinhas de brinquedo, juntava tudo minhas primas pra fazer e brincar, mas na hora de trabalhar, tinha que trabalhar. Naquele tempo tinha

8. Comunidade do Mirari, localizada no baixo Rio Madeira, pertencente ao município de Humaitá (AM).

9. Calama é um distrito de Porto Velho.

escola, mas num era que nem hoje: tinha era só até a 4ª série¹⁰. Eu mesma num cheguei a estudar, naquele tempo estudo era muito difícil, muito difícil mesmo.

Então, segui trabalhando de roça e depois de um tempo eu conheci meu esposo, o Mair. Na verdade, eu e ele foi uma luta, né? Mair morava lá em Bela Palmeira, ele trabalhava cortando seringa e, de vez em quando, vinha aqui pra onde eu morava passear e visitar a família dele que também morava aqui. Aí foi que nós se conhecemos.

Sei que ficamos dez anos numa luta que só até se juntar: era um querendo o outro, mas nenhum tinha coragem de falar. Nós se via, mas, assim, essa coragem de falar um com o outro num chegava, né? Eu tinha vontade dele, ele tinha vontade minha, mas nós num chegava um pro outro. Pois é, e passou dez anos assim, cê acredita? Até que um dia ele tomou coragem e chegou. Sei que eu tremia mais que vara verde, mas deu certo, ó. Daí nós namoramos mais ou menos uns dois anos e foi que ele me pediu pra casar. Compramos tudo dos preparo do casamento, mas pouco antes de casar eu fui lá e terminei com ele...

Assim, deu uma coisa em mim, num sei explicar, eu enjoei dele e num queria mais de jeito nenhum. Só que, olha como as coisas são, depois que eu terminei, me arrependi.

10. A antiga 4ª série corresponde ao atual 5º ano do Ensino Fundamental. Com base nas narrativas dos moradores e no registro do ICMBio, compreende-se que a primeira escola do Cuniã surgiu na década de 1950. A escola atual, Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Braga, funciona desde a década de 1970, segundo os moradores, e atende o Ensino Fundamental (estudantes do 1º ao 9º ano).

Ficamos separado um tempo, aí depois voltamos de novo porque a gente ainda tava querendo um ao outro. Foi aí que fugimos mesmo. A gente fala que fugiu quando saí da casa dos pais pra ir morar com o namorado ou a namorada. Então, eu fugi de casa com ele, nós casamos. Num foi de véu e grinalda como era pra ser porque nós tinha um filho já quando casamos, tive meu filho depois de um ano que nós tava ajuntado. Pois é, casamos e até hoje tamo junto, tá com uns quarenta anos já.

É, mas nós sofria, sabe? Antes de ficar junto, eu via ele ficando com outras e sofria, ele via eu ficando com outros e também sofria, mas nós ficava nessa porque faltava era coragem de dizer. Pois é... E depois que casamos, moramos um tempo lá em Bela Palmeira, perto de onde nós tem nossa casa de farinha e depois viemos pra cá, pra essa casa. Foi todo tempo trabalhando na roça e fazendo farinha.
Criamos todos nossos filhos assim: graças à farinha!

E naquele tempo tudo era difícil, né? Agora não, tem mais facilidade, tudo tá um pouco mais fácil. Assim, mais fácil porque agora ninguém planta mais a roça, né? Meus filhos todos sempre trabalharam com nós, desde a idade de oito anos. Descascavam a mandioca, faziam tudo junto... Iam todo dia pra escola, mas também trabalhavam pra aprender a fazer sua rocinha, num tem?

Tenho onze filhos, a maioria vive em Porto Velho. O meu mais velho mora aqui perto e trabalha no posto de saúde¹¹.

11. A Unidade de Saúde da Família (USF), localizada no Núcleo Silva Lopes Araújo, fica a vinte minutos de voadeira (barco a motor) do Núcleo Araújo.

Ele vai todo dia pra lá, aí mora outro aqui perto também, que era piloto de voadeira. Ele levava os alunos pro colégio. Agora não leva mais porque tá tudo parado. Acho que cês tão sabendo que tá sem aula¹², né?

Todos meus filhos terminaram os estudos, mas nenhum deles fez faculdade nada não... Fizeram uma parte dos estudos lá em Porto Velho. No Ensino Médio foram pra cidade porque aqui num tem, mana. Daí, como eu tinha uma irmã que morava ela mais o marido pra lá, eles ficaram na casa dela. Depois que terminaram o estudo, arrumaram trabalho, uns arrumaram mulher, outras arrumaram marido, aí assim foram, né? Arrumaram a vidinha deles por lá e agora todos têm suas casinha, graças a Deus...

Agora aqui nessa casa tá só sou eu e o Mair. Continuamo com a nossa rotina trabalhando na roça, mas hoje fazemos bem pouca farinha, só pra nós mesmo porque farinha num pode faltar.

Fotografias

1. Dona Teresa, 2019.
2. Dona Teresa após escutar a transcrição de sua narrativa, 2022.
3. Produção de farinha, 2019.

12. As aulas foram paralisadas depois que a Polícia Federal encontrou irregularidades no contrato da empresa que fazia o transporte fluvial. A Operação “Ciranda”, deflagrada em maio de 2018, teve o objetivo de desarticular a organização criminosa composta por empresários da FlechaTur e agentes públicos. Enquanto a situação era regularizada, as escolas continuaram sem aulas. O ano letivo de 2019, por exemplo, teve início apenas em outubro.





SEU MAIR
NÚCLEO ARAÇÁ

Minha timidez começava desde aí, por causa da minha cor e da minha pobreza

Tem uma história tão grande da minha vida, que acho que mesmo passando um dia todinho eu não conto tudo. Eu nasci em um lugar com o nome de Três Casas, que é abaixo de Humaitá, sou amazonense. Vim pra cá bem novo. Na época, aqui não era estado, era território: Território Federal de Rondônia¹³. A minha família era grande, nós morava no Itacoã. Eu tava com 12 anos quando vim pra cá pro Araçá com uma parte da minha família, em 1971, o restante ficou lá pra Itacoã. Nós viemos atrás da fama de fartura que tinha aqui, foi o que fez com que nós viesse pra cá e ficasse até hoje, porque onde nós morava só faltava morrer de fome, era muito, muito, muito difícil. Aí viemos e o resto da família que ficou pra lá dizia: “*Se vocês se derem bem aí, nós vamos também*”. Nesse tempo tinha uma fartura tão grande aqui que hoje a gente conta e ninguém acredita. Quando nós chegemo, só faltou endoidar com tanta fartura. Papai e meu tio matavam tanto peixe, depois salgavam tudo porque naquela época num tinha gelo ainda, nós num trabalhava com gelo.

Minha família mandava peneirada de peixe seco pra vender com um senhor que negociava a compra por carta aqui pra nós no Cuniã. Só eu sabia ler, meus irmãos num sabiam, então eu que sempre lia as cartas que chegavam.

13. O Território Federal do Guaporé, chamado a partir de 1956 de Território Federal de Rondônia, é a denominação antiga do estado de Rondônia. Em 13 de setembro de 1943 houve desmembramento do estado do Amazonas e do estado do Mato Grosso.

A primeira vez que a Teresa me viu, eu tava dentro do quarto lendo uma carta pros meus parentes. Ela disse que foi nesse dia mesmo que se apaixonou por mim, simpatizou. Pra você ver como é o amor, né?

Pois bem, eu tinha doze anos e ela dez. Acredita que até meus vinte e dois anos ficamos numa peleja? Foi esse tempo todinho eu gostando dela, mas não conseguia me aproximar, sofri demais. Eu era muito tímido, muito, muito, muito, demais. Pior é que eu via ela namorando com os rapazes, tentava disfarçar, tentava com outra, mas não conseguia. E a mesma coisa era ela. Como é que pode às vezes a vida da gente, né? Teve uma festa de 7 de setembro lá em Nazaré que nós fumamos aqui de casa com a família dela, tava ela e as primas. Cê acredita que eu até hoje me lembro? Como é que pode uma coisa daquela? Cheguei perto dela e num tive coragem de falar de tanta vergonha que eu tinha. Cumprimentei todas as primas dela, mas ela não. E nesses dez anos foi assim...

Olha que curioso, um amigo meu dizia que também era assim com ele: na escola ele falava com todo mundo da sala, mas tinha uma que ele num tinha coragem pra conversar, num tinha mesmo e não sabia o porquê. Foi a que foi a mulher dele. A mesma coisa era eu com Teresa. Tem coisa na história que é parecida, né? Do jeitinho que ele contou que foi com a mulher dele na época, aconteceu comigo.

Sei que sofremos. Era um querendo o outro esse tempo todinho. Daí um dia ela sentou perto de mim, quando vi tava tremendo mais que sei lá o quê. É a timidez mesmo, né? Porque apesar de eu ser feio, os pais dela queriam demais que nós se ajuntássemos. Depois que nós se declaramos um pro outro, marcamos casamento já. Mas, poucos

dias antes, ela separou de mim. No dia que eu fui pegar a aliança com ela de volta, ela num teve coragem de me devolver, aí foi um sinal pra mim, né? Quem sabe se foi arrependimento? E no final se arrependeu mesmo e voltou. Se fosse para eu ir atrás, imagina só... nem coragem pra começar eu num tive, imagina pra falar com ela pra acabar. Quando ela falou que num queria mais, eu pensei: *"Acabou e pronto"*. Se dependesse de mim, eu nem falaria mais com ela. Olha, eu acho bonito nos outros quando um casal se separa e fica como amigo, mas em mim não. Quando eu era solteiro e pegava fora de uma menina, pra mim ela virava minha inimiga, num tinha esse negócio de ficar como amiga não, minha opinião é essa. Aí eu vejo os outros que têm amizade e admiro até, mas comigo não, eu não aceito, num tenho coragem pra isso. Pra mim, largou é porque num quer, né? Separou, separou, e pronto.

Eu lembro até hoje... A gente sofre muito com essa doença da timidez, num tem cura eu acho, né? Uma vez, nós fomos em uma festa. Fui junto dela e dos pais dela caminhando. Quando chegamos lá, ela tava namorando com outro e eu vendo tudo. Era assim. Mas a aproximação era tão grande que tinha muita gente que acreditava que nós namorávamos, só não tinha aquela declaração mesmo de namoro. Quando acontece isso, chega o ponto de não ter como esconder, as pessoas percebem mesmo. Toda a vida, toda a vida eu fui tímido. Eu tinha uma tia que falava: *"Mair, por que que as meninas gostam tanto de ti?"* Ela dizia que as meninas sofriam tudinho querendo namorar comigo. Aí eu dizia: *"Mas por que, se eu sou o mais feio da família todinha?"* Alguma coisa tem, acho que é porque eu sou muito tímido, só pode ser.

Logo que eu cheguei no Cuniã, tinha uma menina que morava perto de mim, ela era moreninha, do meu jeito

mesmo, da minha cor. Era bonitinha, viu, eu me simpatizei com ela. Olha, desculpa eu tá dizendo isso, eu acho engraçado. Porque sou tímido, mas quando eu abro a boca, ninguém me segura. Mas aí foi isso, eu me simpatizei com ela e a outra, que era irmã mais velha, era mais clara. A **minha timidez começava desde aí, por causa da minha cor e da minha pobreza.** Juntava tudo isso: a minha cor, a minha feiura e a minha pobreza. Porque minha família era pobre. Então vinha daí, toda a vida eu tive vergonha.

Eu sempre falo hoje que são três coisas que caminham juntas: é caráter, capricho e vergonha. Se você num tiver vergonha, você num tem capricho. Num tem caráter, faz coisa errada... Então, eu junto essas coisas: vergonha com capricho e com caráter. A primeira coisa da minha timidez era disso: vergonha de eu ser pobre, ser preto, ser feio, era assim. Ave Maria, essa coisa minha com a Teresa, era por causa da cor dela. Depois que nós começamos a namorar, eu tinha até vergonha de sentar perto dela porque ela era bem branca, ela tá dessa cor hoje porque sofreu muito comigo no sol, essa mulher sofreu demais. Ela cansou de levar rede e mosquitoireiro pra roça, chegava lá com filho pequeno. Porque a cada ano a gente tinha um filho, aí ficava mais peso pra levar. Era assim... Ela era branca, branca mesmo, admirada, cobiçada porque ela era bonita, a Teresa. E todo mundo se admirava...

Teve uma pessoa que falou que num sabia como é que ela ia casar comigo que, além de feio, ainda era um roceiro. Tudo isso que eu via e ouvia, ia aumentando minha timidez em todos os sentidos. Eu tinha vergonha de estar perto dela porque ela era bonita e eu era feio, ela era branca e eu era preto. Tudo isso. Mas, que nem diz o outro: é o amor, né? Ela me queria e eu queria ela, mas isso fazia eu sofrer.



Pois sim, aí voltando lá no caso da moreninha que eu me interessei quando cheguei aqui. Ela era da minha cor e a irmã era branca, mas aí... como é que pode, né, o mundo dá muita volta, a gente fica prestando atenção nas coisas... aí a que era branca ficou doidinha por mim e eu doidinho pela moreninha, que num me quis. Aí foi o jeito de eu tentar com a branca, que eu tinha vergonha de chegar perto porque ela era bem branca. Bom, aí passou dez, doze anos, e quando comecei a namorar com a Teresa depois desses anos todinho, essa dita menina que me rejeitou ficou doidinha por mim. A Teresa ficou tanto na raiva dela, aí eu digo: rapaz, isso é coisa da vida porque aquela época eu fiquei doidinho por ela e ela nem me deu bola de jeito nenhum, e a outra, que era branca, que não combinava com a minha cor, me quis. Aí num tinha mais jeito, né?

Vou falar uma coisa pra senhora que o pessoal fala muito de mim, que eu sou muito falador e tudo, mas eu num sei, eu tenho vergonha de ser preto, eu tenho vergonha de ser feio, eu tenho vergonha de fazer coisa errada. Mas é aquele negócio: quanto mais a gente tem vergonha de errar, mais a gente erra. Não sei por que, devido o medo mesmo, o nervoso, e acaba errando. E não que eu queira ser melhor do que ninguém, ser melhor e não errar na vida, ter vontade de fazer tudo certo na minha vida. Tem muita gente que me conhece por esse lado e me admira, e tem muita gente que vê isso e me condena, aí eu fico entre isso aí... E assim é a vida.



Fotografias

1. Seu Mair, 2022.
2. Casa de Teresa e Mair.
3. Seu Mair, 2022. Durante a conversa a luz se apagou e ficamos à luz de velas continuando a prosa.



SEU JOCA
NÚCLEO ARROZAL

Nós tem que saber viver, minha filha, o mundo é nosso...

Rapaz, se eu for te contar essa história, você senta e chora, todo mundo chora. Menina, é sofrimento que só. Nós chegamo aqui foi nos anos sessenta, eu já tinha perto de uns 14, 15 anos. Antes de chegar no Cuniã, eu e minha família moramos um tempo em Capanã Grande¹⁴, na BR-319, lá em Manicoré, no Amazonas. Já ouviu falar? Pois é, lá nós trabalhava arrendado pra um velho que se dizia dono da terra. Porque num tinha lei, né? Num tinha lei, num tinha merda nenhuma, era só de coronel. Até conseguir pagar, a gente foi trabalhando pra esse cara. Rapaz, plantamos foi muito naquela terra, até pasto já tinha. Quando esse velho viu que nós já tinha dado muita benfeitoria, ele botou nós pra correr, disse que num ia indenizar nada não e que nós podia era sair fora.

De lá fomos pra Porto Velho e depois viemo parar no Cuniã. Viemo sabe como? Diz aí... Foi é no remo! No remo mesmo, viemo numa canoa descendo esse Rio Madeira atrás d'uma terra pra comprar com um dinheirinho sofrido que vinha espremidinho debaixo de sete capa e amarrado nuns pano, nuns plástico, nuns couro de tigre e nuns couro de macaca, cotia, bode, tudo... Aquilo ali só quem sabia mesmo onde tava era nós e mais ninguém... Naquele tempo num tinha estrada não, só tinha uma lanchinha que saía lá de Porto Velho. Vocês num vão lembrar porque cês são tudo do tempo de ontem, mas eu, ó, eu já sou do tempo de anteontem.

14. Reserva Extrativista do Lago do Capanã Grande.

Pois é, e no tempo de anteontem tinha só umas lanchinha pequena que, se era maior que essa mesa aqui, era muito. Ia e voltava de Porto Velho e Calama¹⁵ carregando os beradeiros¹⁶ que tinha as banana, as frutinha pra vender na feira da cidade. Coleguinha, eu queria que tu visse! Essa lancha andava as polegadas, com todo mundo no reboque, era devagar que só, os beradeiros chegavam em Porto Velho com aquelas bananinhas e já tava tudo podre, tudo passada já. Demorava que só... Aí foi que meu pai comprou uma canoa por lá e nós descemo de canoinha pra cá. Cumpade, mas foi difícil... Quando chegava a noite, era desespero que só com os carapanã¹⁷ arrudeando a gente. Minha filha, era o tempo todo “*paf, paf, paf paf*”, nós se batendo pra tentar se livrar deles. A gente ia descendo esse igarapé aí que nem bosta n’água, mesma coisa de merda aí dentro da água. Mas a gente disse: “*Rapaz, vamos entrar por aí, quem sabe num tem uma terra boa pra nós comprar*”. Nós pelemo pra comprar esse pedaço de terra, ó.

Quando enfim nós chegamo, isso aqui era só um matagal doido, nós derrubamo uns 8 alqueire e fomo plantando tudo. Primeiro tentamos o café, mas quando deu um

15. Distrito localizado na foz do rio Ji-Paraná. É o último povoado de Rondônia no curso de descida do rio Madeira e faz divisa com o estado do Amazonas.

16. Diz-se daquele que nasceu ou mora na margem de um rio, na beira de um rio. Especificamente em Porto Velho, é a pessoa que nasceu ou mora na beira do Rio Madeira, também chamado de “beradeiro”.

17. Do tupi, carapanã é o nome regional dado aos mosquitos sugadores de sangue em algumas regiões do Brasil, principalmente na região Norte. Em outros estados são conhecidos como muriçoca, pernilongo, sovela ou mosquito-prego.



verãozão¹⁸, igual deu esse ano, ficou só a terra. Olha, essa terra é tão ruim de plantar, mas tô satisfeito de viver em uma terra ruim porque até agora eu tô vivendo, né... Fomos tentar plantar castanha também, só que sem técnica nenhuma, nós num tinha equipamento adequado como se tem hoje. Era assim ó: nós limpava o terreno e ia plantando dez, vinte, trinta, quarenta castanheiras. Assim fomos fazendo as coisas...

18. As estações do ano em grande parte da região Norte são chamadas informalmente de verão ou inverno. O “verão amazônico” remete ao período de poucas chuvas e de calor intenso, que ocorre normalmente de maio a setembro. Já o chamado “inverno amazônico” se refere ao período de mais chuvas e de calor menos intenso, que ocorre normalmente de outubro a maio.

Mas meu amigo, foi e é muito sofrimento mesmo. Às vezes eu penso que nós somos escravos do diabo, que é o diabo que tá manobrando. Tudo os desgraçado toma da gente, os impostos acabam com tudo. Meu Deus do céu... Por isso que tá todo mundo assombrado...

Quando foi o governo que conseguimos um material pra arrumar nossas casinha, que chegou um poço, chegou luz¹⁹, que nós conseguia comprar nosso rancho sem passar necessidade, aí ficaram com raiva porque tavam olhando um pouco pra nós aqui. Pô, o pobre precisa ter de comer, se alimentar. Parece que nós somos tipo uns cachorrinho comendo da migalha que cai da mesa dos ricos. É, escravozinho deles, nós num tem pra onde pular. Agora entra esse outro²⁰ aí que acabou de arrasar com tudo, e quer saber de uma coisa? Esse vai é vender nós tudinho. Nós vai tudo pro cutelo mesmo: cutelo é aquele negócio que degola a pessoa, sabe? Então é assim... Tá todo mundo

19. O programa social “Luz para Todos”, financiado em 2003 pelo Governo Federal na gestão de Lula (PT), atendeu prioritariamente escolas rurais, áreas de pobreza extrema, comunidades indígenas, quilombos, assentamentos, pequenos agricultores, populações ribeirinhas, famílias em áreas próximas de reservas e famílias afetadas por empreendimentos do setor elétrico (atingidos por barragens). No início de 2003, foi estimado que 80% do total nacional de exclusão elétrica estava nas áreas rurais. Cerca de 10 milhões de brasileiros que viviam em áreas rurais não tinham acesso a esse serviço público. A iniciativa, coordenada pelo Ministério de Minas e Energia, possibilitou a inclusão de muitas famílias à economia. Mais informações a respeito do Programa estão disponíveis no relatório desenvolvido pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) em 2011: “Universalização de Acesso e Uso da Energia Elétrica no Meio Rural Brasileiro: Lições do Programa Luz para Todos”. Disponível em: <http://repiica.iica.int/docs/B2112p/B2112p.pdf>.

20. Referência ao presidente Jair Bolsonaro (PSL-PL), cujo governo ocorreu de 2019 a 2022.

assombrado. Ih, rapaz, mas ainda num chegou a hora deles entrarem no fogo e se queimarem tudinho, esses sem vergonha, ladrão, sem vergonha. Já chega rapaz, num sobra nada pra nós não.

Pra tu ver como é difícil as coisa aqui... Eu tava com o ouvido doendo esses dias, num tava surdo não, mas tive que ir lá na cidade fazer uma consulta. E a pessoa quando cai na mão do médico é tipo ir no mecânico, né? Cê chega com o carro que num tem nada, tá só com um ruídozinho, mas depois que começa a mexer, condena logo um bocado de coisa. Cheguei lá e foi assim...O médico olhou o exame, mexeu aqui, mexeu ali, depois me passou pra um outro médico, até que o último falou que eu ia precisar fazer uma cirurgia e usar um tal aparelho que custaria em torno de dez mil reais. E me diz uma coisa: onde é que eu ia arranjar esse dinheiro todo? Só se eu pedisse esmola, e até esmola tá difícil porque num tem nem o saco pra pedir. Aí que me disseram que eu podia me cadastrar no SUS²¹ e entrar em uma fila pra receber esse aparelho, mas que teria que ter paciência e esperar. Rapaz, o que eu mais tenho nessa vida é paciência. Se tão me dando isso aí, eu espero até morrer. Até porque se fosse pra dar dez mil eu ia morrer sem mesmo. Aí eu fico pensando, quanto que esse povo num ganha de dinheiro com a doença de uma pessoa? Eu digo que a humanidade perdeu a vergonha mesmo. Dez mil reais, dez mil... Onde já se viu?

Ainda mais pra nós aqui do interior, a gente tem televisão aqui, vê jornal, essas coisas assim, mas nem todo jornal explica o nosso direito, o que nós somos e o que nós é dentro de uma terra. Então, o brasileiro é assim: quem tem, tem.

21. Sistema Único de Saúde.

Quem num tem, minha filha, te conforma e morre sem ter mesmo. Se o governo num tira de nós o que ele dá... Porque às vezes num dá nem bom dia porque custa caro, né? Mas eles mesmos dormem tudo é de luz acesa. Num apagam a luz não e nós aqui fica tudo no escuro. Somos assim desse jeito, minha filha, independente de tudo... Aqui eu só tenho ajuda é de Deus, mais de ninguém, e trabalho de sol a sol.

Eu tenho 75 anos, os cara se admira quando eu conto a minha idade. Pois é, mas eu vejo uns pessoal aí que num tem nem cinquenta anos e já aparenta estar velhinho que chega a andar com os olhinhos, assim, apertadinho, sabe? Eu digo: *“Mas rapaz, que diabo de arrumação é essa que vocês comem tanto que fica velho”*? Olha, eu tenho medo de ficar velho... Até o médico se admira e pergunta qual o segredo, aí eu digo: *“Olha, eu durmo bem, eu almoço, mas num janto, nunca dormi com o estômago cheio, não”*. Comer demais, eu também não como. A única coisa que eu faço mais assim é fumar, mas eu num fumo de exagerado também não.

Rapaz, é assim... Sabe o que mais? O povo de hoje tá comendo o arroz envenenado, o feijão envenenado, a verdura tá envenenada, a carne envenenada, o ovo tá sendo envenenado. Aí você chega lá num restaurante, que tem um monte de coisa com um monte de sabor, e diz *“me vê aí uma coxinha”*, ou *“me dá aí um bauru”*, ou, sei lá, um sanduíche qualquer. No fim, você num sabe nem que gosto mais tem aquilo ali. Cê engoliu que nem cobra, mas num sabe o sabor, num tem sabor mais as coisas. Olha, a minha comida que eu faço em casa eu refogo ela no alho, boto uma cebolazinha, mas não muito, é pouquinha. É assim, meu amigo, a gente deve tomar nossos banho: três banhos por dia, num comer de exagerado, num passar também

muita noite de orgia²², dessas bebedeiras. Porque vai pra balada, depois passa sono, aí bebe cerveja e toma uísque... Presta atenção: a cerveja, ela tem uma contaminação, a cachaça, outra contaminação, outra química, outra bebida lá tem outra contaminação. Aí você vai e mistura aquilo tudinho e *“tchuum”*, presta não... Depois cê dorme, a casa vai caindo e o estômago não aceita mais é nada...

A pessoa vive desse jeito, minha filha? Rapaz, vive não... Olha, eu me sinto jovem, eu num me sinto velho com a idade que eu tenho, não. Tá vendo esse roçado aí?²³ Eu fiz tudo isso sozinho, tô com uns 9 mil pé de roça plantado só com essas mãos aqui, varando dia a dia, só eu. E é assim... **Nós tem que saber viver, minha filha, o mundo é nosso...** Saber viver no mundo, é? Saber viver o mundo!

Um homem que nem eu, se acaba de comer e vai deitar na rede, depois acorda, abre a boca, num toma um banho nem nada, aí vai lá na panela, comer outra coisinha e rede de novo... Rapaz, aí num desenvolve não, morre cedo. Olha, vou te dizer: em casa, nós fomos criados tudo com cuscuz de milho, toucinho de porco, feijão mulatinho, rapadura, melaço de cana, aquela buchada de bode, buchada de porco... Menina, se você come, assim, um pouco de feijão com um pouco de carne de sol, depois pega um pedaço de rapadura de tira-gosto e toma um litro d'água gelado, eu vou te falar: cê tá preparado pra tudo. Agora não vai pensar que o pão faz bem pra você, que não faz não, pão num faz bem pra ninguém, só incha barriga. Minha mãe

22. Refere-se a noite de festa.

23. Seu Joca tem em sua roça pés de açaí, tucumã, mandioca, castanha-do-Brasil, goiaba e cupuaçu. Também tem sua horta, onde cultiva alguns dos temperos que usa para o preparo da comida.

fazia essa comidinha que eu tô te falando e eu mais meus irmãos papava aquilo ali tudinho. Menina, o suor chegava pingar, depois nós ia pra roça, os bichinho ia tudo com uma enxadinha trabalhar. Fome, graças a Deus, a gente num sentia. Pra nós era assim, ó: às seis da manhã tinha o café reforçado, nove horas já era o almoço, meio-dia a merenda e nós ia até três, quatro horas da tarde embalado direto na roça. Ó, minha filha, e assim foi... Nós plantamo e foi é muito.

Sabe essas castanheiras que eu te falei que nós plantamo logo que chegamo aqui? Rapaz, vou te falar uma que cê num vai acreditar... Nessas castanheiras aí vinha uma cotia que eu queria que tu visse. As castanhas ela roía tudinho, era um tal de ouvir um “*trec trec trec trec trec*”. E sempre no mesmo horário: era às seis horinha da manhã e às cinco e meia da tarde, é.. Ela vinha de manhã porque o dente tá frio ainda e de tarde ela trazia um pouco d’água dentro d’um outro coco. Porque ela rói, rói, rói, rói, rói, e molhava o dente nessa água que era pra num esquentar tanto, tá entendendo? Ela num é boba nada, rapaz. Aqui tinha uma castanheira que dava umas castanhas tão duras, mas tão duras, tudo dessas pequenas “*cabecinha de macaco*”. Eu quebrava uns cem cocos pra dar uma lata²⁴. Cumpadi, n’outro ano só tinha buraco delas, pois a cotia roía tudo, tô te dizendo... Quanto mais duro, mais ela gostava. Um dia eu vinha passando lá perto da castanheira, já era de tardezinha, e eu escutava “*nhec nhec nhec nhec nhec nhec nhec nhec nhec nhec*”, e depois “*tschiiiiiiiiiiiiiiiiiii*”. Várias vezes. Daí eu pensava: mas que diabo é isso? Fui lá e vi uma fumaça em cima da árvore, olhava pra cima, mas

24. O peso de uma lata – medida usada para negociar a castanha entre compradores e extrativistas – varia. No geral, pesa em média 10 quilos, quando a castanha está *in natura*.



só escutava o “*nhec nhec nhec*” e “*tschiiiiiiiiiiiiiiiiiii*”. Aí eu disse, rapaz, eu vou dar uma olhada nisso aí. E num é que era a cotia roendo o coco da castanha? Ela num roía aqui no chão não, ela roía era lá do alto. Num é besta, ficava de relva olhando pra todo lado, visando tudo. Rapaz, no que eu olhei, ela já tinha dado umas quatro roídas, o dente da cotia tava tipo uma brasa, uma brasa pura, aí ela largava o coco, que caía no chão e ia esfriar a boca dentro d’outro coco que tava já com água velha. E “*tschiiiiiiiiiiiiiiiiiii*”, fazia aquela fumaçada. Rapaz, e ela só tinha dois dentes: um de cima e o outro de baixo, o resto num tinha mais não, já tinha ido tudo embora. De tanto roer, tinha derretido tudinho aqueles dentes dela. Mas é... É porque ela já era viciada ali, né? Tava comendo demais e o coco era duro, rapaz. Num sei como ela conseguia, por isso o dente tava daquele jeito.

Olha aí, menina, quando tu chegar em casa, aí tu vai dizer pra família: “*Rapaz, eu tive lá na casa de um abestado, mas de um abestado que fala tanta bosta...*”. Eu vou te dizer uma coisa: eu num perdi nem pra Baco²⁵ nem pra Camões em sacanagem não. Camões era um cientista português, num livro que eu encontrei aí foi que eu descobri que ele era português. E o Baco era outro, o rei da safadeza. Aquele ali só conversava bosta mesmo. Onde ele tava, tava grossinho de gente escutando as bangalhera dele. E ele inventava, tirava as coisas da cabeça dele e contava, assim, só sacanagem...

Pois é, eu aprendi adivinhação porque nós passava horas e horas contando um pro outro. Aquela moça que mora pra ali, ô menina danada pra saber de tanta adivinhação,

25. Na mitologia romana, Baco era o deus do vinho, das festas, do lazer, do prazer e da folia.

como eu nunca vi na vida. Ela que contava um monte boa, ninguém acertava não. Nós aprendia um com o outro, aí quando tava assim de oito, nove hora alguém aparecia e falava: “*Eu tenho uma nova aí pra dizer*”. Aí, minha filha... Ixi, ia a noite inteirinha tentando acertar adivinhação. Era bom demais...

É tão bom a gente trocar uma ideia, rapaz. Vou te dizer uma coisa: num existe ninguém sábio nesse mundo, né? Porque é assim: o que você sabe, eu num sei, e o que eu sei, você num sabe. Então, se interessar, você aprende comigo e eu aprendo com você. O saber é uma troca. Eu tenho um amigo que um dia perguntou pra mim: “*João, será que existe alguém sabido na face da terra*”? Eu disse: “*Negativo, num tem ninguém sabido não. Tem um mais entendido do que outro nuns pontos e em outras coisas é mais atrasado do que o pagamento do governo*”.

O que eu sei, tu num sabe, e o que tu sabe, eu num sei... Às vezes tu é bom de matemática, disso e daquilo outro, escreve e faz um monte de projeto que dá tudo certinho. Eu já num tenho essa cabeça, mas tenho astúcia pra outra coisa: sei fazer um balaio, uma tarrafa, uma rede de pesca, né... Sei fazer um fogo, construir um barco... É... Porque é assim, ô menina. Num nasceu ninguém sabido na Terra não. Sabido de tudo, só Deus mesmo.

Fotografias

1. Seu Joca, 2019.
2. Diego (sentado ao lado de Seu Joca) e Hugo tomando açaí após escutarem histórias de Seu Joca, 2022.
3. Vista para a casa de Seu Joca, 2022.



FRANCISCA E RAIMUNDO
NÚCLEO BELA PALMEIRA

Quando a gente faz artesanato, é assim: põe o que mora dentro da gente

Francisca

Eu sou nascida lá em Humaitá, em 1977, sou do Amazonas. Quando eu tinha bem uns 26 anos que eu vim pra cá, acho que foi isso. Nós viemos juntos, eu e meu esposo Raimundo, mas nós ficamos uns meses morando lá no Araçá enquanto a gente fazia a casa aqui em Bela Palmeira. Quando terminamos a casa, a gente se mudou pra cá, aí até agora a gente tá aqui. Tem dezoito anos.

Eu, pelo menos, custei muito pra acostumar quando nós se mudamos pra cá. Minha cunhada, quando soube, disse: “Ah, quando chegar a energia o negócio vai melhorar pra vocês”. Até hoje tá esperando e nada. A água também, né? Agora, graças a Deus a gente tem o poço artesiano. Já melhorou bastante, mas o negócio da água aí era complicado demais, aqui a gente sofria muito. Pra ali bem pertinho tem um igarapé, igarapé do Guariba, mas a água sai gorfada, com um mal cheiro. Então a gente remava, remava e ia embora atrás de água boa pra beber. Quando chovia, a gente pegava água da chuva mesmo, esticava um pano e aí quando parava de chover torcia e coava pra tomar água. Depois que foi feito o poço, ixé, melhorou bastante. Antes era muito arriscado lavar roupa até. A gente ia lá na beira com as crianças lavar e, Ave Maria, eu tinha maior medo por causa de jacaré, ainda mais com minhas crianças que não sabiam nadar ainda, mas ia fazer o que? Nós tinha que

lavar roupa e tomar banho, né? Se chegasse energia aqui, ixe, ia melhorar muito mais²⁶.

Morar aqui tem uma parte boa, mas a outra não é muito bom não. A parte boa é porque aqui, como tem só a nossa casa, a gente cria os bichos e eles não atentam no quintal dos vizinhos e assim por diante. Esse é o bom da gente morar distante de vizinho: pelo menos a gente pode criar sem negócio de confusão de bicho pulando no terreno do outro. E o que eu acho ruim daqui é que nós ficamos sem energia, né, se a luz é pra todos, era pra gente ter energia aqui também. De noite só é a vela. Nós dorme cedo, a janta também é cedo porque depois, mais pro fim da tarde, os mosquitos já começam a perturbar. Aí a gente vai pra cama, que é mais certo, né? Ficar pegando ferrada de bicho num dá não.

Tá bem com uns quatro anos mais ou menos que a gente trabalha com artesanato aqui. Eu comecei primeiro com crochê. Tinha uma menina lá de Humaitá que também trabalhava na roça e fazia essas arrumação de artesanato com uns pedacinho de pau. Ela fazia vários bichinhos: gatinho, pássaro, peixe, tudo perfeitinho. Cortava aqueles pedacinhos de pau e eu sempre ia vendo, mas nunca tinha tentado fazer. Depois de um tempo a minha filha começou a fazer uns jacarés de madeira, bem pequenininhos, bem detalhadinho, cê precisava de ver. Aí foi que eu falei:

26. Conforme disse Dona Francisca, o núcleo Bela Palmeira, onde vive apenas a sua família, não possui energia elétrica. No restante da RESEX a energia é trifásica e vem da Usina Geradora de Energia Elétrica de São Carlos. No entanto, são comuns quedas de energia sobretudo porque a rede de distribuição é relativamente extensa e passa pelo meio da floresta, sujeita a queda de árvores, galhos e outros tipos de obstrução. Alguns moradores possuem geradores de energia a gasolina.



“Menina, mas tu faz tudinho: a dobra do bracinho, da perna, tudo”. E ela respondeu: “É, mamãe. Pra sair perfeito”. Na hora eu pensei: “Olha que eu gosto muito de fazer esses negócio de artesanato, mas isso aí acho que eu não consigo fazer não”. Só que chegou um dia que eu tive a ideia de tentar. Cortei um pedaço de pau e peguei uma faquinha. Achei difícil de fazer, mas fui detalhando tudinho do jacaré. E não é que saiu perfeitinho também? É assim né, tem que tentar...

A madeira a gente pega daqui do roçado mesmo, e a tinta compra em Porto Velho ou em Humaitá, que é a mesma lonjura daqui pra Porto Velho. Aí fui fazendo mais e mais vezes até pegar jeito e gosto e começar a fazer outras coisas também! **Quando a gente faz artesanato, é assim: põe o que mora dentro da gente, a gente inventa, cria e sai o**

que tem pra sair. Aí um vai e ajuda o outro dizendo: “*ah, isso não tá parecido*”, “*esse bicho não é dessa cor*”, aí vamo ajeitando até ficar perfeito. A família²⁷ toda faz. Aquele meu filho ali gosta de fazer canoinha; o José, de fazer os barquinhos. Esse aqui, o mais novo, gosta de desenhar que só, cada um vai fazendo o que gosta mais.

Esses artesanatos a gente tá fazendo de vez em quando. A gente faz um pouco, quando não tá trabalhando com outras coisas, ocupado plantando uma rocinha, e vai deixando. Aí tem umas pessoas que encomendam também, a maioria é daqui mesmo do Cuniã. Muita gente fala pra gente levar e vender pros eventos que tem ali na Boa Vitória²⁸ e em outras comunidades, mas a gente acha sacrifício demais porque é longe e gasta muita gasolina.

Eu quase não saio de casa. A maior parte de quando eu saio daqui pra cidade é por problema de saúde. Agora mesmo tá com um mês que eu fui operada de um cisto no ovário. Com dificuldade, fui em Porto Velho um bocado de vez fazer as consultas e exames. Eu acho difícil assim... Porque se aqui fosse fácil de médico, com esse problema de saúde, eu tinha certeza que já tinha tomado remédio logo no início e já tinha melhorado, né? Não tinha sido preciso operar. As duas coisas que eu mais corro daqui pra cidade é negócio de problema de saúde e com os estudos dos meninos. Porque aqui, mana, só tem até o 9º ano e, se quiser terminar, só indo pra cidade mesmo. Meu filho mesmo tá parado. Pra fazer o Ensino Médio, eles vão pra Humaitá porque eu tenho família lá. Aí, é assim desse jeito se quiser estudar.

27. Dona Francisca e Raimundo têm nove filhos e dois netos.

28. Comunidade no entorno.



Eu tava te contando dos artesanato né, a gente guarda eles aqui nessa sala até vender, ó, deixa eu te mostrar. Tem muitos, tem essas cumbucas, tem artesanato de animais, tem o Mapinguari. Você conhece a história do Mapinguari? Ele é assim: tem só é um olho no meio da testa e a boca no umbigo. É assim mesmo. Tá espantada? Não sei quando ele aparece, mana, nunca vi e nem quero ver. Esse Mapinguari foi o Raimundo que fez. Conta aí, Raimundo...

Raimundo

Deixa ver se eu ainda lembro a lenda do Mapinguari... Acontecia muito com os sorveiros: que tirava o leite da sorva²⁹. Vinha um bocado deles trabalhar. Ficava dois, três dias pelo meio da mata e eles via os fio de cabelo e os rastro por onde o bicho passava. Dava mais de metro, eles escutava o estrondo do bicho pisando, de longe escutava o bicho pisar. Lá embaixo, lá no Amazonas, onde a gente morava, tinha um senhor que sempre via o Mapinguari, enxergava só os olho dele, né? Ele trazia os fio de cabelo pra mostrar pra nós, como uma prova que tinha esse bicho por lá. Ele não chegava a se aproximar dele não. As pessoas tinha medo por causa que nem chumbo não entra nele. Esses cabelão é como se fosse a proteção dele, não deixa entrar nada. O único jeito de matar ou de capturar, dizia que era só se ele abrisse a boca por perto. Só assim dava pra atirar dentro da boca. Tem umas pessoas que dizem que ele tem medo de fogo. Medo de fogo ele tem... Porque se pega no cabelo dele, já era, o fogo incendeia todo. O bicho

29. Sorva ou sorveira é uma árvore nativa que produz um látex espesso, branco e viscoso, que é comestível e de gosto adocicado. Retirado das árvores por um processo semelhante ao da extração do látex da seringueira, o látex da sorveira tem também utilidade medicinal e industrial, em especial na fabricação de goma de mascar. Sorveiros são as pessoas que trabalham com a extração do leite (látex) da sorva.

tem um cheiro muito forte, diz que é catigoso demais. A proteção dele é o cabelo, mas se o fogo pega no cabelo, aí acabou a segurança dele: cê mata de qualquer jeito.

Diz que o Mapinguari teve vida de índio, caboclo. Diz que os índio quando tão véio demais, viram Mapinguari e vem dar sumiço nos outros índios. Onde eu morava sumiu um índio. Lá no Lago do Antônio, no município de Humaitá. Ele se sumiu, daí foram com uma curandeira pra ver onde ele tava, só que não conseguiram achar. Diziam que ele não tava morto não e que virou Mapinguari. Mas a verdade é que ninguém sabe se ele virou Mapinguari ou não, né? A curandeira foi que falou. Quando um índio fica velho, ele não morre, diz que ele vira bicho, vira Mapinguari.

Fotografias

1. Família de Francisco e Raimunda, no Núcleo Bela Palmeira, 2019.
2. Artesanatos feitos por Dona Francisca, 2019.
3. Alguns integrantes da família de Francisco e Raimunda, 2019. Francisco é a segunda pessoa da esquerda para a direita e Raimunda, a segunda da direita para a esquerda.



DIEGO
NÚCLEO NEVES

Eu sou do mato, né?

Meu nome é Diego. Eu tenho 28 anos e moro aqui há 28 anos. O que eu mais gosto de morar aqui é da natureza, do cheiro de mato, e que aqui não é poluído. Tem os passarinhos, a fauna e a flora. É, acho que o que eu mais gosto é da fauna e da flora.

O pessoal aqui pesca muito. Eu não sou muito de pescar, sabe? Eu sou mais do mato, de colher alguma fruta, de pegar castanha, andiroba. Num vou todo dia pra roça, às vezes eu fico em casa lendo livro, escutando música, invento umas coisas, faço biojoia³⁰. Os estudos eu num terminei ainda não, pra falar a verdade. Porque eu estudei até o 9º ano, né? Só tem até o 9º ano na escola daqui. Pra terminar, eu teria que ir pra cidade, mas eu acho... Eu acho, não... Eu sei que não me acostumo lá, eu não consigo. É muito diferente daqui. Eu, particularmente, quando tô na cidade fico meio escarronado, sabe? Parece que a qualquer hora alguém vai me assaltar, entendeu? Eu não fico tranquilo que nem a gente tá aqui no Cuniã, num tem? Aqui é mais de boa. Quando tem que ir em Porto Velho, eu vou bem rápido e já volto logo pra cá. Vou só resolver umas coisas porque tem coisa que num dá pra resolver daqui: coisa de banco, documento...

Eu tava pensando em fazer um curso, estudar a distância. Tem como, né? Acho que tem como a gente viver bem

30. Biojoias são peças como anéis, colares e pulseiras produzidos de forma artesanal com materiais encontrados na natureza: sementes, pedras, folhas, casca de árvore, entre outros.



sem ter que sair do Cuniã. Eu acho também que só precisa a gente estudar pra saber o que fazer aqui, num tem? Porque, às vezes, precisa de um agrônomo, precisa de um biólogo e tem muita natureza, muito pasto, tem muita coisa, mas precisa se especializar, né? Eu pensava em ser biólogo, sabe? Eu gosto de natureza, de pássaros, de viver no mato. Ou fazer agronomia, sei lá... Porque a gente vive muito do plantio aqui também, né? Eu penso assim: tem como viver da natureza sim, mas tem que estudar. O Cuniã tem muito potencial pra explorar: aqui tem peixe, mas precisa saber trabalhar com o peixe de um jeito que a gente ganhe, num tem? Porque num adianta a gente ir lá no lago pegar um monte de peixe e não ter um

preço justo, sabe? Eu penso que a cooperativa³¹ pode fazer valorizar mais os nossos produtos e as famílias vão ter um dinheiro melhor. Tendo a casa do açaí³², por exemplo, o açaí vai sair embaladinho e pode ir até pra outros cantos... Pra São Paulo mesmo, pra Brasília... Imagine um açaí do Cuniã pra esses lados? Lá num deve ter assim bem naturalzão mesmo, né? Imagina, hein? Você tomando um açaí aqui da comunidade. Que alegria!

Eu estive conversando com meu pai e ele tava com a ideia e... A gente não pode ficar só na ideia, né? Tem que fazer... Então, ele tava com a ideia de fazer polpa de cajá ou cupuaçu pra vender pros colégios³³ porque nós tem muito no nosso terreno. Aqui até estraga cupuaçu de tanto que dá. Acho que é o lugar que mais tem, mas num dá venço, sabe? Num consegue tirar tudo. Agora, se tivesse um lugar pra vender, a gente conseguiria tirar uma graninha, um extrazinho.

31. Refere-se à COOPCUNIÃ, que representa comercialmente todos os produtores da Resex, com foco na sustentabilidade.

32. Atualmente, desenvolvem pela cooperativa estratégias de planejamento participativo e execução pelos empreendimentos comunitários de atividades, compras e serviços relacionados à cadeia de valor do açaí.

33. A merenda escolar fornecida pela SEMED (Secretaria de Educação Municipal de Porto Velho) às comunidades ribeirinhas do baixo Madeira chega embalada da cidade e não conta com o fornecimento da agricultura familiar das comunidades, o que representa uma falha distributiva, pensando inclusive no gasto com a logística do alimento. Em determinadas épocas há abundância principalmente de frutas locais, onde o fornecimento para as escolas poderia gerar renda às famílias e promover uma alimentação aos estudantes com alimentos frescos.

Açaí também tem muito aí, ó... Só que esse açaí que tem aqui no terreno num é o açaí nativo, esse a gente plantou. Quando é assim, plantado, a gente chama de touceira ou de planta. A diferença tá no gosto e tá no pé também. Eu mesmo num gosto do açaí de planta, prefiro o açaí nativo. O nativo demora mais tempo pra dar fruto. Eu num tenho muito conhecimento não pra calcular quanto tempo leva, quem sabe mesmo é meu pai e meus avós, eles olham assim e já calculam.

O que eu aprendi na roça foi com meus pais e com meus avós. Aqui a gente faz horta, canteiro, planta... A mamãe planta um monte de coisa aqui na varanda. Na horta a gente planta cebolinha. Eu aprendi a palavra cebolinha com o pessoal lá de São Paulo, porque aqui é cebola de palha que a gente chama. Aí tem chicória, tem coentro, que tem gente que conhece como cheiro verde, tem couve pra fazer saladinha, tomate a gente planta também. Nossa horta é suspensa porque a gente cria os bicho. Tem as galinhas e os cachorros, que às vezes eles invadem, vão lá, come e destrói tudo, então num dá pra plantar direto no solo. Aqui tem ingá também plantado, tucumã, manga, biribá, graviola. Eu achei tucumã hoje no mato, num trouxe pra casa, mas depois vou lá buscar. Tem jatobá, tamarindo... Eu tenho semente de tamarindo aí pra fazer artesanato. Tem umas coisas que a gente faz... Vou te mostrar. Vou ali pegar umas coisas...

Essas sementezinha aqui eu peguei um monte, aí pensei: caramba, tenho que fazer umas pulseiras. Essa semente amarela é de tamarindo e essa marrom é de jatobá, eu acho legal esse marronzinho. Dá de fazer um colar ou uma pulseira misturando as sementes, fica legal. Vou escolher umas pra nós fazer uma pulseira...



Ei, tu sabe fazer alguma coisa de artesanato? Eu aprendi a fazer macramê³⁴, tu sabe? Macramê, eu sei fazer o básico. Aprendi com um cara lá de Porto Velho. Num tem aqueles cara que fica lá na beira da rua vendendo coisa? Eu parei lá e pedi pra ele me ensinar um ponto. Perdi um tempinho lá com ele e fiquei feliz. Consegui fazer, mas é só o básico

34. O macramê é uma técnica de tecelagem muito antiga, que consiste em trançar fios e atar nós sem a necessidade de nenhum tipo de maquinaria e/ou ferramenta, resultando em franjas decorativas, penduradores de plantas, redes, cortinas, roupas, entre outros produtos. Acessórios como colares e pulseiras também podem ser criados com essa técnica de artesanato. A palavra macramê significa “nó” e se indica que veio por conta de tecelões turcos que faziam franjas trabalhadas em toalhas. O material utilizado pode ser barbante, fitas ou qualquer tipo de linha.

mesmo, o macramê simples... O restante eu num sei fazer não, mas consigo fazer, assim, uma pulseirinha ou outra.

Às vezes eu invento umas coisas. Tem um aí que eu fiz porque vi num filme alguém usando. Eu sempre vou achando alguma coisa no mato e vou fazendo, criando. Eu gosto de usar uma pulseira, um colarzinho pra sair... Eu comprava antes, mas quando vi que tem a matéria-prima aqui pra fazer, fui aprendendo e fazendo. Pra vender, faz um tempo que eu não faço. A gente fez uma época pela Arte e Castanha³⁵, que a gente é associado. Tenho aqui um anel de tucumã que eu fiz usando lixa e o polidor, né? Pra fazer o anel, a gente usa o equipamento da Associação pra furar a semente porque é dura demais. Depois que tá pronto, a gente faz o polimento, mas eu não gosto dele muito polido não. Prefiro o rústico: só lixado pra mim tá bom porque mantém o aspecto da semente mesmo, fica mais natural. Mas tem gente que gosta dele mais brilhante, cheio de trololô. Vai do gosto, né?

Pois é... E tem mais coisa também que eu gosto de fazer: eu gosto de plantar macaxeira, cacau, café... Gosto de fazer isso. Como eu disse: eu sou do mato, né? Eu planto desde pequeno, aprendi com meu pai. A castanha a gente coleta bem próximo de casa e vai limpando as mudinhas, que daqui uns anos elas vão crescer, né? Daí a gente vai limpando, vai cuidando. Tem outras coisas também que a gente vai descobrindo. O nosso terreno é bem farto de fruteira, num tem? A gente sempre vai plantando. Antes

35. A Associação Arte e Castanha conta com um galpão de armazenamento de castanha na época da safra. Na sede, também possuem alguns maquinários específicos que são utilizados para as técnicas de artesanato, como polir ou furar as sementes para passar a linha.

num tinha muita coisa não, agora tem de tudo. Algumas num tá dando fruta ainda, mas já tem graviola, que num tinha, tem acerola... Acerola, a gente plantou tem uns dois anos e já tá crescendo. Tem um tempo pra ela dar fruta, né? Daqui uns dois anos já tem fruta aí...

E cê sabe que tem coisa que nem precisa plantar, né? Que nem o cajá. Ele já é natural já, do mato. No caso da acerola, como eu te falei, a gente tem que plantar. E é assim, a gente vai plantando... Jabuticaba, a gente também já plantou. Tudo na vida a gente vai plantando... A mamãe planta, o papai planta e eu também tô plantando. Tá cheio de coisa legal aí que foi plantada e outras que a natureza presenteou.

Fotografias

1. Diego mata adentro, 2022.
2. Diego, na varanda de sua casa, 2022.
3. Sementes de Jatobá, Inajá, Tenturana e Tamarindo (da esquerda para a direita).

Enquanto ajeitava a panela com as comidas, escrevia na mente versos de um cântico

Meu nome é Esvaldina Pereira. Pereira é o sobrenome do meu pai. Ele não era daqui não, era de baixo, lá do Capanã³⁶. Com 18 anos ele foi chamado pra ser soldado no quartel de Manaus. No tempo daquela guerra que vocês nunca viu, mas ouve dizer, a Segunda Guerra Mundial. Tavam chamando os soldados, aí ele foi ser seringueiro, soldado da borracha³⁷. Meu pai era o mais novo dos irmãos. Com cinco anos de idade, ele já carregava a espingarda no ombro pra mãe dele cortar seringa³⁸ na mata. Ele também foi seringueiro aqui no Cuniã, onde conheceu e engravidou minha mãe. Depois disso, meu avô deu uma parte dessa terra pra mamãe fazer a casa dela mais meu pai e meu irmão recém-nascido, o Sebastião.

36. Lago do Capanã, localizado no Baixo Rio Madeira, próximo a Manicoré - AM.

37. Durante a Segunda Guerra Mundial, cerca de 25 mil soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) foram enviados para os campos de batalha na Itália e por volta de 55 mil soldados, conhecidos como soldados da borracha, atuaram na extração do látex, utilizado como matéria-prima para a indústria bélica dos EUA. A maioria dos soldados da borracha era dos estados do Nordeste, pois o governo da época aproveitou a situação em que se encontravam os nordestinos frente à seca e utilizou a promessa de melhoria de vida para recrutar esses homens. O trabalho que os soldados da borracha realizavam era para ser por tempo determinado, mas ao final dos conflitos, foram sendo abandonados e o trabalho foi se transformando em vitalício.

38. Nome popular dado à árvore seringueira.

DONA ESVALDINA
NÚCLEO NEVES

Depois veio eu, já no ano de 1947, logo veio a Lindalva, veio a Dolores, veio o Antônio, o João, o Elias e a menina última com nome Osvaldina, só que ela nasceu e logo faleceu.

Vixe, nós tudo não tinha descanso, meu Deus! Eu trabalhei muito na roça, fazia muita farinha. Eu vinha andando com o paneiro³⁹ de mandioca nas costas lá da roça. Era quarenta e cinco minutos andando a pé. Às vezes, eu penso que naquele tempo eu era nova, mas, mesmo cansada, eu conseguia respirar com um saco de farinha nas costas. Minha irmã, uma lata de mandioca puba⁴⁰ pesa demais, ó. Às vezes, eu vinha lá do igarapé com a lata na cabeça. Não sei como eu ainda posso girar meu pescoço, porque dói.

Pois é, minha irmã. Eu nasci e me criei aqui. Depois me juntei com um homem que prometeu me levar pra Porto Velho e disse que se eu fosse junto ele compraria uma casa e eu terminaria meus estudos. Aí eu me alegrei, entendeu? Aqui eu já tava mal satisfeita porque não tinha possibilidade de terminar de estudar. Nós até tinha parente na cidade, mas como que o pobre ia sustentar nós lá sem ter trabalho nenhum pra gente fazer? Aí foi aquele negócio, eu fui pra cidade e não estudei. Tentei duas vezes. Quando eu pensei que ia estudar, tava gestante da minha menina. Me matriculei, comecei a estudar, mas aí passei por supletivo e vim'bora pra ganhar minha filha.

39. Pequeno cesto de vime.

40. Mandioca puba é o resultado da fermentação natural das raízes da mandioca, junto a microrganismos que contribuem para o amolecimento das raízes.



Eu gostava muito de estudar. Eu me lembro da primeira escola que surgiu aqui no Lago do Cuniã. Naquele tempo, arranjaram um professor pra lecionar, o professor Eli. A casa onde era a escola era da Dona Taciana. Era um salão feito de madeira, assoalhado de paxiúba⁴¹ de açazeiro e coberta de palha. A escola ficava na frente do tucumanzeiro que ainda tem lá. Aí, logo depois, o governo implementou a Escola Rural Lago do Cuniã e depois a Escola Isolada. Botaram o nome “isolada” e papai disse: “*Que nome esquisito, isolada é uma coisa que tá no isolamento*”. Pois é, Cuniã era isolado mesmo. Pra nós fazer prova, os examinador quase não chegava aqui.

41. Paxiúba é uma espécie de palmeira, com madeira resistente, que também é utilizada como ripa em construções.

O professor não podia dar prova pros alunos, só quem podia era o examinador que vinha lá de Porto Velho.

A coisa que eu achava melhor quando eu tava estudando era a hora de cantar o Hino Nacional. Ah, como eu gostava! Nós entrava na escola cantando o hino, quando terminava de cantar é que nós sentava nas cadeiras. Hoje em dia, ninguém mais vê isso nos colégios, mas eu achava muito bonito, ó. Eu aprendi com uma professora. Ela vinha andando por aqui e cantando com os alunos tudinho. Ela passava num lugar pra lá dessa castanheirona, que é um lugar que meu avô fez um campinho pros alunos jogarem bola e vinha jogar junto com eles. Ela passava nas casas cantando o Hino Nacional, quando não, o Hino da Bandeira. E às vezes vinha andando falando: “É hora do recreio!” Sara Coelho o nome dela, ela foi professora de meu irmão. Dessa época de escola, eu lembro das lendas também que tinha no livro “Infância Brasileira”⁴². Vocês já leram? Ô livro querido! Tem a lenda de quando foi descoberta a borracha. Cê sabe? Vou te contar, assim resumindo porque esse sol vai esquentar e nós vai ter que procurar uma sombra...

Diz assim: no tempo antigo, os índios tiravam fogo de pedra riscando uma na outra, mas nem todos podiam fazer fogo. Só quem podia era o Deus Tupã, o Deus dos índios. Aí o quê que aconteceu? Um dia, um índio chamado Tataitá riscou uma pedra pra fazer o fogo. Então, o Deus Tupã deu um castigo pra ele e disse: “Agora você vai ter que encher uma igaçaba pra eu fazer chover no verão”. Igaçaba é um pote grande de barro, onde ele armazenava

42. Livro “Infância Brasileira”, do autor Ariosto Espinheira, publicado pela editora Companhia Editora Nacional em 1956.



água quando chovia. Só que no castigo ele teve que carregar a água do rio com um cesto de cipó. Mas quando ele metia água na cesta de cipó, vazava tudo, molhava todo o caminho e quando chegava na igaçaba a água se acabava. Aí a Deusa das águas chegou, e vendo aquele sacrifício do índio, ela boiou sobre as águas e disse: “Ei!” Ele olhou assustado e ela perguntou: “O que você faz com esse trabalho tão inútil? Você quer uma ajuda?” Na hora ele ficou calado, mas depois disse que sim. Então ela trouxe uma conchinha daquelas que tem na água: “Pegue isso aqui e risque, dê um corte naquela árvore”, apontando para uma seringueira. “Faz o seguinte: você risca fundo pra sair um suco leitoso que vai recobrir seu cesto de cipó e te ajudar a terminar com esse trabalho inútil!” Ele se alegrou: correu e foi cortar a seringueira porque com o leite dela, se você botar no sol um pouquinho, ele seca e fica pegando que nem elástico. Entendeu? Aí ele foi recobrindo o cesto com a seringa e a água não vazou mais. Pelejou, mas terminou o trabalho. Essa foi a descoberta da borracha, da seringueira. Foi o índio que descobriu.

Eu não sei porque eu gosto de tanta coisa que faz parte de índio. Acho que é porque quando eu nasci, aqui era tribo deles, né? Isso aqui tudinho foi de índio, é! Pois é, nesse livro que eu falei tinha muita lenda, eu lembro da lenda da Potira também. Diz que ela tinha um marido querido que teve que seguir em um combate com outra tribo. A índia Potira não tinha vontade que ele fosse, mas ele tinha que ir. Se despediram e depois que passou os tempos, ela viu que ele não voltava mais porque tinha morrido no combate. Então ela foi chorar lá na beira do rio com muita saudade dele. Aí, tempos depois diz que nesse rio apareceu muito diamante, era a lágrima de Potira. Pois é, eu até canto um pedacinho de uma música que fala disso, deixa eu ver...

*“Potira chorou por causa do seu amor
Potira chorou porque ele foi e não voltou
Potira chorou muito tempo, não foi só um instante
Potira chorou, lágrimas de diamante
Potira chorou muito tempo, não foi só um instante
Potira chorou, lágrimas de diamante”.*

Cê sabe, eu fiz coisas que até eu me admirei, criei uns versos de algumas canções. Foi mesmo... **Enquanto ajeitava a panela com as comidas, escrevia na mente versos de um cântico.** Uma noite dessas, criei outro verso na cabeça. Fui dormir na casa do meu filho e fiquei pensando em Pedro Álvares Cabral, que saiu de Portugal pra ir pra Índia, não foi? Ele não chegou nas Índia porque o vento não deixou. Aonde foi que ele chegou? Em terra de Tupã! Pois é, aí de noite mesmo antes de dormir eu fiquei pensando, pensando, e fiz um pedacinho:

*“Brasil, Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Salvador
Brasil, Bahia
Aonde Cabral aportou”.*

Como é lindo meu Brasil, né? É uma terra muito rica. Pois é, e Cuniã também é rico, tem terra boa pra plantio, é só cê plantar e cultivar. Eu tenho uns pézinho de café bem ali atrás de casa, vou mostrar pra vocês. Também tem araçá, que é bom pra suco, macaxeira... cê não quer levar uma macaxerinha pra comer cozido?

Fotografias

1. Dona Esvaldina, 2022.
2. Diego e Dona Esvaldina mostrando a fruta biribá, típica da região, 2022.
3. Dona Esvaldina no quintal de sua casa, 2022.



HUGO
NÚCLEO NEVES

Tem muita história aqui

Eu cheguei aqui tinha 8 anos, vim por causa da enchente de 2014⁴³, num foi? Morava com meus pais em Porto Velho, no bairro Triângulo, daí alagou tudo pra lá⁴⁴ e eu vim morar pra cá com eles. Tô com uns quatro anos morando aqui já. Aqui é bom porque é tranquilo, num tem roubo, num tem essas coisa de cidade. A gente pode sair pra onde quiser que num tem perigo também. E aqui é mais fresco, lá em Porto Velho não, é quente, ó. Muito barulho também. Aqui tem coisa pra gente fazer: pescar, banhar, tudo. É um bucado de coisa que a gente faz. Prefiro mil vezes morar aqui. É muito bom, também tem as paisagens. A gente acorda de manhã e tem uma paisagem linda dessa, né? Quem é que num quer acordar assim?

O que eu mais gosto de fazer é jogar bola e ir pra cachoeira⁴⁵, que é legal demais. Agora no mês de junho num tem, mas daqui a pouco vai tá bom de ir.

43. Em março de 2014, Porto Velho teve a maior cheia do Rio Madeira já registrada desde 1997, quando atingiu a marca de 17,52 metros. Dados da Agência Nacional de Águas (ANA) apontam que em 2014 o nível do rio alcançou 19,14 metros. Desde a construção das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau na região, moradores relatam a imprevisibilidade do rio e, segundo a Defesa Civil de Porto Velho, a abertura das comportas das usinas hidrelétricas tem forçado inundações em bairros da capital localizados às margens do rio devido à força das águas liberadas pelas represas.

44. O bairro Triângulo é o mais antigo de Porto Velho e foi um dos mais atingidos pela cheia de 2014.

45. Refere-se à “cachoeira” quando o igarapé está cheio e é possível se banhar em suas águas.

Esses tempos agora num tá tendo aula porque foi parado⁴⁶. É ruim, né? Porque já era pra eu estar no 7º ano, mas como teve essa paralisação e todo tempo fica parando, ainda tô no 6º. É ruim demais de estudar assim. Minha irmã também, acho que já era pra ela ter terminado já. Tá com uns quatro meses parado. Muito tempo, né? Eu sinto falta porque eu quero terminar logo minhas aulas pra tentar fazer um curso, alguma coisa, trabalhar... Queria fazer medicina, acho...

Daí só fico em casa mesmo. De manhã eu acordo, mexo um pouco na internet, aí mais tarde eu vou pra igreja, chego, mexo na internet mais um pouco, num faço muita coisa. Num tem muita gente aqui no Neves, né? Da minha idade, acho que só tem dois meninos e também acho que eles nem sai muito de casa.

Ah, antigamente era mais legal. Antes tinha um amigo meu que agora não mora mais aqui, foi lá pra São Carlos⁴⁷ estudar porque por lá é um pouco melhor. Ele foi já tem uns três anos, mas de vez em quando nós vamos lá ver ele. Agora aqui só tem eu mais o Dinei, meu amigo. A gente sai mais pra jogar bola lá pro campo do Silva Lopes quase todo dia, às 5 horas começa o jogo. Amanhã tem, só que a gente num vai poder ir porque tem ensaio da igreja,

46. As aulas foram paralisadas depois que a Polícia Federal encontrou irregularidades no contrato da empresa que fazia o transporte fluvial. A Operação "Ciranda", deflagrada em maio de 2018, teve o objetivo de desarticular a organização criminosa composta por empresários da FlechaTur e agentes públicos. Enquanto a situação era regularizada, as escolas continuaram sem aulas. O ano letivo de 2019, por exemplo, teve início apenas em outubro.

47. Comunidade próxima a Porto Velho.



né? Vai ter um ensaio pra gente cantar em um evento lá de São Carlos.

E deixa eu perguntar: cêis vão lá no Joca, é? Ih, as histórias do Seu Joca é além da lógica, eu dou muita risada. Aquele ali tem história pra contar, eu gosto de escutar. Eu só vejo o pessoal contar as histórias dele. Eu vi poucas vezes o Seu Joca, mas o pessoal conta muita história dele. Eu nunca fui pra lá, pra casa dele não, e acho que eu vi ele numa reunião só. Num gosto muito de sair de casa também, só saio quando é época de cachoeira ou pra ir pro futebol.

Tem uma história do Seu Joca que o pastor contou pra nós que é muito engraçada, ó. Disse que uma vez ele



plantou tanta melancia, mas tanta melancia, que todo mundo do Cuniã comeu. E que teve uma dessas melancia que cresceu, cresceu, cresceu tanto até explodir. O pastor que contou pra nós. Num parava de rir com a história e com o jeito que ele contou. Foi ano passado isso, num me esqueço.

Qualquer assunto que você falar com Seu Joca, ele vai lá e conta uma história assim. Mas vocês vão rir demais, ó. Agora, se ajuntar o Seu Joca com Seu Moreno, mano, aí cês morre de rir, ó. Cês morre de rir com o Seu Moreno, ele é um homem que mora ali quase no final, na última casa do Núcleo Pupunhas. Tem muita história o Seu

Moreno, viu⁴⁸? O Seu Moreno e o Joca. E cês foram lá no Seu Paçoca já? Também tem história, **tem muita história aqui...**

Fotografias

1. Hugo com 9 anos, 2016.
2. Hugo pelas águas da cachoeira, 2016.
3. Hugo, 2022.

48. Nos períodos em que estivemos no Cuniã, infelizmente o Seu Moreno não estava.



SEU DUDU
NÚCLEO NEVES

Por aí, restou só aqueles camposão de soja, gado...

Meu nome é Eduardo, mas o pessoal me conhece por Dudu. Eu já tô com 77 anos, nasci e me criei aqui. Quando meu avô chegou no Cuniã, em 1920, aqui só existia os Mura⁴⁹. Eu mais meu pai, nós cansamo de plantar macaxeira, fazer roça e achar pão de índio enterrado aqui. Pão de índio é uma coisa que eles faziam e enterravam pra comer depois. Meu pai era seringueiro, nós vivia do seringal, da castanha e da pesca, mas peixe não tinha muito valor, era mais a borracha que o pessoal cortava pra sobreviver. Era difícil, rapaz, nós não tinha o que temos hoje não. Nós não tinha luz, não tinha água encanada. Pra tomar banho e pra lavar as vasilhas, a gente ia na beira carregar água. Era difícil mesmo. Quando eu era jovem, meu pai tirou três dos meus irmãos pra ir pra roça com ele, e eu fui pra proa da canoa pescar pra botar o alimento dentro de casa. E você vê aí, hoje tem muito jovem que não se dedica a trabalhar e eu digo assim: “*Meu filho, eu cresci foi no pesado e você tá numa rede com a televisão ligada. No meu tempo, não existia isso aí não, era trabalho*”. Eu pagava as contas do papai, fazia o rancho, era desse jeito. Aí chegou o tempo que mamãe morreu, nós sofremos, ó. A gente sentiu, né? Cê sabe que depois que a mãe da gente morre, parece que morremos um pouco também. Eu tinha 19 anos, era o mais velho, meu outro irmão tinha 17 e tinha mais quatro irmãos pequeninhos, que nós fomos criando. Eu, meu pai e esse

49. Povo indígena que originalmente habitava esse território. Atualmente, ocupa áreas no complexo hídrico dos rios Madeira, Amazonas e Purus. Vivem tanto em Terras Indígenas demarcadas, quanto nos centros urbanos regionais.

meu irmão criamos eles tudinho e hoje tão tudo casados. Quando eu tava com 26 anos, eu disse: *“Eu vou construir uma família pra mim, cuidar de mim mesmo”*.

Aí arranjei primeiro a mulher. Eu tava com 26 anos já e ela com 14, nós casamo e ficamo esse tempo todo, são 43 anos juntos, e aqui tamo até quando a morte chegar. Ela é a esposa que Deus me deu, é uma esposa boa, trabalhadeira, cuidadosa, né? Aí nós fomos construindo a família e melhorando nosso padrão de vida. Eu sempre falo pros meus filhos: *“Vamo cuidar do que é nosso. Façam do mesmo jeito que eu tô fazendo, deixa tudo limpinho, num deixa a plantação morrer”*. O mesmo exemplo que meu pai me deu, eu tô dando pros meus filhos, né? Aprendi muito com o papai, eu prestava muita atenção. Sou o tipo da pessoa, tipo aqueles papagaio velho, sabe? Só fico observando e escutando o que os outros tão falando, vou analisando as coisas, aí só depois que vou poder falar pros outros, né?

O que eu tenho pra dizer pra vocês é isso: na minha época eu sofri. Eu era do tempo da lamparina e dos carapanã, sabe? Ih... Deus me livre, tinha muito! Hoje tá tão mais fácil, depois que criou a Reserva aqui foi melhorando mais. Ainda não tá muito bom porque temos a dificuldade da educação que nós tamo sofrendo aqui. Ficou sabendo o que houve, né? E da saúde também, é muito complicado. Vou te dizer, graças a Deus nunca aconteceu nada comigo, mas se adoce uma pessoa pra tirar daqui e levar pra cidade, num é fácil não. O transporte aqui ainda hoje é dificultoso. Pra poder evacuar nossa produção também é complicado demais. Mas mesmo assim é um lugar muito bom de se viver, bom demais.



Eu ainda não vi uma pessoa dizer que aqui é ruim, ó. Dos doze filhos que eu tenho, seis moram aqui e seis em Porto Velho, mas a vontade deles todos é vir pro interior porque, você sabe né, na cidade tudo é comprado. O pessoal de lá compra muito dessas coisas da natureza: óleo de copaíba, andiroba, muito óleo de todo o tipo. Aqui, se você entrar aí na mata, você vê muita coisa boa e tudo que tem na natureza dá dinheiro: tem a castanha, tem o açaí, tem o cupuaçu, cajá, cumaru. Tu já viu cumaru? É cheiroso ele. Tem várias coisas que tá dando renda na comunidade. A polpa de cajá nós tira de uma cajazeira que tem aí, quando tá no tempo, nós tira uns 40, 50kg de polpa, leva pra cidade e vende tudinho. Dá pra comprar o básico com o que tira aqui.

A riqueza é muito grande dentro desse Cuniã. Se tu vai ali pra cima, tem um igarapé que é farto demais: tem anta, tem pato, muita coisa bonita pra lá! Aí pra dentro do país que muito se acabou, né? Muita coisa virou fazenda, é triste. Uma vez, eu fui pro Mato Grosso do Sul, tá com uns oito anos acho, fomos em doze pessoas fazer um curso do projeto do manejo do jacaré. Daqui pra lá, eu ia prestando atenção em tudo no caminho, e era só floresta e campo. Eu disse pro pessoal: *“Meu Deus do céu, nós tem que cuidar da nossa natureza, do nosso país, da nossa Amazônia”*. Porque saindo daqui pra lá, não tem nada não, mermão. **Por aí, restou só aqueles camposão de soja, gado...** Meu pai do céu! É só campo de gado e soja. Aqui nós tamo na beleza, entra nessa mata aí, você inspira, é outra respiração. É mais uma vida. Graças a Deus que aqui todo mundo cuida da floresta. Nos outros cantos, é fogo, né? A nossa floresta todo tempo foi cuidada. Desde os meus avôs, tamo aí cuidando dela. Eu digo: *“Meus filhos, quando eu morrer, vocês vão cuidar da floresta onde vocês tão vivendo, né?”* A gente vai passando pros nossos filhos, nossos filhos vão passando pros filhos dele e assim a gente vai vivendo...

Eu criei doze filhos, foi sofrido, mas hoje cada um tem sua família. Tenho quatro bisnetos e 23 netos. Só que a gente continua com preocupação porque eu tenho filho e neto que não tem emprego, né? E sem renda, como é que vai botar os filhos deles pra terminar os estudos? Me preocupa, por isso eu converso muito com os jovem que eles precisam estudar, mas pra sair daqui é um custo, é um custo muito grande. Tem neto meu que saiu daqui pra terminar de estudar na cidade, mas é uma preocupação. Cê sabe como é que tá a cidade hoje, né?

Eu estudei pouco: estudei o 1º ano e 2º ano do Ensino Primário, aí num fui mais. Minha memória num é muito

boa, mas, graças a Deus, eu sei assinar meu nome e ler um pouquinho. Agora essa cabeça aqui pra fazer conta, hããhã, pra fazer conta é comigo mesmo! É, às vezes eu fico sentado e faço minhas contas tudinho: isso aqui dá tanto e isso aqui dá tanto. Graças a Deus que, também por causa das contas, eu tenho duas filhas que terminaram os estudos. Elas tão em Porto Velho e vão começar a estudar de novo. Não tem que parar não, elas casaram, mas vão continuar os estudos. Tenho um carinho muito grande pelos meus filhos e pelas minhas filhas. Quando eu chego lá na cidade, elas me abraçam tudinho.

Teve um ano que tentei sair daqui mais a esposa e dois filhos, e ir embora pra Porto Velho. Acredita que com uma semana eu endoidei pra voltar? Eu não sei viver lá não, tudo que eu sei eu aprendi aqui no Cuniã e todos meus filhos foram bem criados aqui. Eu espero que a vida melhore daqui pra frente, eu espero... Porque aqui é um lugar muito bom, não existe outro lugar pra mim não, é aqui mesmo. E quando eu morrer, quero ser enterrado perto do meu pai, aqui mesmo nesse lugar, não me leva pra outro canto não. É um privilégio, pra mim, ver minha família aqui: meus irmãos, meus filhos. Essa é a minha história.

Fotografias

1. Seu Dudu, 2019.
2. Restaurante de Dona Domingas, companheira de Seu Dudu, 2022.



SEU VIVALDO
NÚCLEO NEVES

Naquele tempo, o ouro era a borracha, né?

Meu nome é Raimundo Vivaldo, sou filho daqui do Cuniã. Eu nasci em 1946, ex-Território Federal de Guaporé⁵⁰. Meus pais vieram de Manicoré pra tomar conta de umas terras que meu avô arrendou pra cá pra trabalhar, meu avô era seringalista⁵¹ e meu pai veio tomar conta desse seringal. **Naquele tempo, o ouro era a borracha, né?** “Ouro branco” que chamava. Quando terminou o fabrico⁵² da borracha, meu pai não quis mais voltar porque ele viu a riqueza que tinha dentro do Cuniã. Meu avô mandou várias cartas pra ele ir embora, minha mãe até queria ir, mas ele não. Perdi meu pai quando eu tava com 12 anos.

Sei que aqui é uma terra muito boa, aqui me criei, construí família e sou pai de dez filhos. Só perdi um, ele já era rapaz, mas os outros estão todos vivos, graças a Deus.

50. Em 1943, o Governo Federal criou o Território Federal do Guaporé com terras dos estados do Mato Grosso e Amazonas. Em seguida, a cidade de Porto Velho foi designada a capital do Território. Em 1956, o até então Território Federal do Guaporé passou a ser denominado Território Federal de Rondônia, em homenagem ao Marechal Cândido Rondon, que foi um sertanista e engenheiro militar. Dentre outras atividades, Rondon liderou entre 1907 e 1915 expedições exploratórias de integração e investigação científica de territórios indígenas por meio da construção de linhas telegráficas de Cuiabá – MT a Santo Antônio do Madeira – RO. Em 1910, tornou-se dirigente do Serviço de Proteção ao Índio.

51. Proprietário de seringal.

52. Época sem chuvas, durante a qual é feita a colheita do látex e o preparo da borracha.

Todos nasceram aqui. Quando vinha as dores da mulher, a gente ia buscar a parteira em casa e quando chegava a hora da criança nascer ela fazia o parto. Só meus últimos filhos que foram nascidos em Porto Velho, na maternidade. A gente ia pra Porto Velho uns quatro dias antes porque não sabia o dia certo que vinha a criança, né? Eu já vi mulher morrer de não poder ter a criança. Nesse tempo, pra ir pra cidade não existia esses barcos grandes que viaja até Manicoré e Calama, nós tinha que procurar um transporte. É difícil não ter transporte.

Pois é, mas agora já tá melhor. Tudo passa na vida da gente, passei e venci. Hoje mesmo eu já fui em Porto Velho, fiz compra, tirei dinheiro no banco, cheguei aqui umas cinco da tarde. Naquela época eu passava mais de um dia pra chegar em Porto Velho, agora eu vou e volto no mesmo dia. Ficou mais fácil porque agora eu tenho dois motor pra minha rabeta⁵³, aí é mais rápido.

Pois é, como eu falei, aqui eu me criei e daqui não saí. Com 18 anos eu construí família com minha esposa, que tinha 17 anos. Eu lutei muito pra conseguir a vida dela, mas não consegui de jeito nenhum. Ela morreu de câncer e meu filho morreu de leucemia. Eu mandei ele pro hospital bom em Porto Velho, mandei também em um hospital lá em Goiânia e até pra Bolívia pra descobrir o que ele tinha. No final, uma doutora descobriu que era leucemia, mas já não dava mais. Quando vem de morte, não tem jeito. Perdi meu filho e minha esposa. Eu já escapei da morte também, peguei uma paralisia facial e fiquei com a boca torta. Foi do nada, sabe como é? Do nada... Era dez horas da manhã e eu pensei: *“Rapaz, eu tô meio ruim”*. Eu vou te dizer uma coisa:

53. Pequeno barco a motor.

eu ia morrer mesmo. Foi quando eu chamei minha filha e disse: *“Ô minha filha, eu sei que eu não vou escapar dessa não”*. Mas a sorte foi esse pessoal mais antigo que conhece de remédio do mato e, como diz o ditado, *“a notícia correu logo”*. Antes de eu entrar na voadeira pra ir pra Porto Velho, chegou uma menina segurando um copo com um remédio verde feito de uma planta que eu num lembro o nome agora. Aí ela disse: *“Seu Vivaldo, o senhor pegou derrame. O senhor tome esse remédio”*. Rapaz, a hora que eu tomei aquilo, pareceu magia. Com alguns minutos, foi tirando aquilo do meu corpo todinho e pronto, fiquei bonzinho, bonzinho, só que a boca ainda ficou torta. Aí chegando pra Porto Velho, também tomei muito remédio no hospital e fiquei bom mesmo. Mas se não fosse aquele remédio verde, eu acho que eu tinha morrido.

Eu tô lembrando daquela época que meu pai veio pra cá, tinha poucos moradores, o Cuniã não tinha nada. Mas ele lutou, fez abaixo-assinado pra chegar as coisas aqui. Se juntou com uns amigos daqui, umas pessoas mais adiantadas, como o seu Raimundo Medeira, o Joaquim Coelho, um boliviano avô da minha esposa. Nesse tempo, Aluizio Ferreira⁵⁴ era governador do Território Federal do Guaporé. Aqui ainda não chamava Rondônia, foi o Coronel Marechal Rondon quem passou o nome de Guaporé para Território Federal de Rondônia. Pois é, e foi por causa do abaixo-assinado que vieram os professores pra escola. Lembro que a primeira escolinha era coberta de palha,

54. O Coronel Aluizio Ferreira foi um militar e político brasileiro, nascido no município de Bragança (PA) em 1897. Foi membro da Comissão Rondon (1907-1915), ocupou o cargo de diretor geral da Estrada de Ferro Madeira Mamoré em 1931 e, posteriormente, no período de 1943-1946, se tornou o primeiro governador do extinto Território Federal do Guaporé.

com assoalho de paxiúba.⁵⁵ Eu não sei se vocês conhecem, paxiúba é tirado do açazeiro. Então assim foi, né? Também não tinha enfermeiro e meu pai fez a mesma coisa pra vir um enfermeiro. Daí não parou mais, ele pelejou até que veio o policiamento também. Aqui sempre teve dois ou três policiais, naquele tempo isso não faltava. Eu e meu irmão trabalhamos como policial. Nosso trabalho era o seguinte: se tivesse uma briga ou algo assim, vinha uma pessoa, registrava a ocorrência e aí a gente ia lá naquela pessoa ver o porquê ela tinha feito aquilo, qual foi o motivo, era assim... Nunca levei ninguém baleado, ninguém esfaqueado, nada disso. Eu também trabalhava em Nazaré, foram trinta anos de contribuição e depois eu me aposentei. Sempre respeitei e fui respeitado e é por isso que eu digo que o Cuniã é um lugar muito bom.

Aqui tem a Associação de Moradores, que trouxe o posto de saúde e que disse que aqui podia ser uma reserva. Quando chegou a época de criar essa reserva, queriam tirar o povo todinho de dentro do Cuniã. Como eles viram que não dava pra tirar a gente mesmo, aí eles criaram uma Reserva Extrativista. Aí depois o presidente da Associação de Moradores foi trabalhando, puxando, até que chegou luz também pra todo mundo. Teve até um vereador que foi professor aqui, lutou muito, reivindicou pra colocar um telefone, um orelhão aqui. Daí foi melhorando, mas antes disso era difícil...

Agora, eu mesmo não posso dizer história daqui do Cuniã, porque eu nunca vi nada dessas coisas que o pessoal conta. Vou fazer 73 anos se Deus quiser, tenho essa idade todinha, mas nunca vi nada. O que eu sei é que tinha um senhor

55. Paxiúba é uma espécie de palmeira com madeira resistente, que também é utilizada como ripa em construções.



que contava que quando chegaram uns desbravadores pelo Cuniã, aqui tudo era habitado pelos caboclos, pelos índios. E esses desbravadores foram chegando que nem essas pessoas que querem retirar os outros do canto deles, sabe? Chegam com arma e vão matando toda a gente. Os brancos foram chegando assim e eles foram se afastando. Essa é uma conversa que eu tô contando porque me contaram, mas eu nem era nascido nesse tempo, Cuniã ainda não tinha nome de Cuniã. Pois então, a história diz que chegou uma época que já tinha pouco índio aqui, aí o Cacique pegou uma menina índia e jogou dentro d'água. Só que quando ele jogou, ela não morreu, ela ficou uma menina moça, linda, bonita e encantada, aí ele deu o nome daqui de Cuniã. Porque cunhã é uma mulher índia, né?

Bem, essa história vai aqui e vai lá mais na frente. Diz que um comerciante já viu essa índia por aí. Diz que ele viajava de Manaus a Porto Velho de barco grande. Um dia, ele foi pra Manaus em um negócio de terreiro de candomblé e, quando ele tava lá, uma moça bonita chegou e falou com ele: “Eu lhe conheço”. “Cê me conhece?”, ele disse, e ela respondeu: “Conheço. O senhor viaja daqui pra Porto Velho. Você conhece o Cuniã?”. Ele disse: “Não, não conheço o Cuniã. Eu só passo pela boca dele, pelo rio”, e ela disse: “Pois eu moro no Cuniã, sou filha de lá”. Esse homem ficou pensando na conversa dessa moça e perguntou pra todos os comerciantes que viajavam com ele se conheciam o Cuniã porque queria encontrar a tal da moça. Descreveu ela todinha, mas ninguém nunca tinha visto ela, por isso o pessoal calcula que deve ser essa índia.

Rapaz, faz muito tempo essa história, o homem que me contou até já morreu. Pois é, de Cuniã o que eu sei contar é isso. Agora, se me perguntar se existe um poço preto, existe sim, mas nem poço não é, é só um buraco de não sei quantos metro de fundura, quarenta, cinquenta metros, e que botaram o nome de “poço preto”. Diz que lá tem uma cobra que é uma coisa horrível. O que eu posso contar é isso.

Fotografias

1. Seu Vivaldo, 2019.
2. No balanço da rede contando história, 2019.
3. Transporte escolar, 2019.





DONA VALDIVINA
NÚCLEO PUPUNHAS

Uma parteira sabe de muitos remédios, senhora!

Eu nasci e me criei aqui, menina. Depois que minha mãe morreu, eu vim pro poder da minha irmã. Aí foi indo, foi indo, e quando eu já tava moça dei com o burro n'água e peguei uma filha. O desgramado me enganou, peguei uma filha, e pra num dar muito trabalho pra minha irmã, eu pensei: *“Vou cair fora, eu vou trabalhar pra sustentar a minha filha”*. Eu tava num sei nem com quantos anos, tava com uns 15, acho.

Aí fui-me embora, fui bater lá pra cima, no Purus. Sabe onde é o Purus? Pois é, fui pros lados do Rio Purus, na cidade de Canutama (AM), onde eu passei um tempo trabalhando e depois voltei pra cá. Quando eu cheguei aqui, já arrumei um velho. Nós conversamos bastante, contamos toda a situação do passado um pro outro, daí ele se passou pra mim e eu me passei pra ele. Olha, vou te dizer, naquele tempo eu andava em festa, eu bebia, eu farreava, eu gostava de brincar. E, às vezes, o homem num gosta, né, e começa a querer entrar em pé de briga. Ah não, assim pra mim num dá. Então eu já fui logo e disse: *“Olha, no dia que nós casar, se nós for pra uma festa e você quiser falar qualquer coisa de mim, você num deixe de canto, não. Mas assim, nós tem nossa casa pra conversar, eu e você, num vem dar escândalo na casa de ninguém não. O mundo todo num precisa saber. Quando chegar em casa, aí você pode se passar pra mim, e se eu ver algo que eu não gostei de você, eu faço o mesmo”*. E assim foi, nunca que nós nos arengamos por causa dessas coisas, graças a Deus. Eu tive três filhos com ele, depois ele morreu e eu fiquei virgem de novo.

Agora eu só tenho meu filho “de criação”, que nem diz o outro, né? É esse meu filho que mora aqui em casa. Nem minha filha, a primeira que eu tive, não tenho mais. Deus tirou. É, Deus levou todos eles de doença... Não tive sorte pra criar meus filhos. Depois dela, teve dois gêmeos que Deus tirou. Pois é, eu fiquei... Mas dou graças a Deus que ainda tenho meus parentes. Eu tenho meus primos ainda e tenho um tio, irmão do meu pai, que às vezes eu mando lembrança do quintal lá pra ele: às vezes mando andiroba, já mandei copaíba. Quando não, mando umas garrafadas que eu faço.

Aqui vem um monte de gente me perguntar desse negócio de remédio de planta⁵⁶. Eu faço xarope, chás pra dor de barriga, fígado, estômago. Pro estômago, é boa a “cura tudo”, eu tenho a planta aí, depois vamo lá no quintal pra eu te mostrar. Tenho a gota do Zeca, tenho hortelã, mangarataia, a batatinha chinesa, que é boa pra dor de cabeça e constipação, boa demais de botar no xarope. Tem a buchinha, que é uma plantinha que parece uma buchinha mesmo, tem gente que chama de cabacinha também. Ela é amarga que só, é boa pra febre.

Não sei como eu aprendi isso tudo, acho que Deus que dá. Minha mãe era parteira, ela conhecia muita planta pra quando ia fazer parto, ela conhecia muita planta mesmo. Aí no tempo que ela morreu, deixou pra minha irmã e a

56. Dona Valdivina é conhecida por preparar xaropes e chás à base de ervas naturais para curar enfermidades. Em sua horta, possui uma grande variedade de plantas e sabe dizer quais benefícios cada uma oferece. A Fiocruz realizou a catalogação das plantas da Resex e suas utilidades medicinais a partir de conversas com moradores e moradoras. O estudo está disponível em: <https://portal.fiocruz.br/colecao-botanica>.



minha irmã já passou pra mim. E assim vai, né? Depois de minha mãe morrer, minha irmã que ficou tomando conta, fazendo o parto das outras mulheres. Minha irmã sabia tudo de remédio pra quando a mulher tava sofrendo de dor, tudo isso. **Uma parteira sabe de muitos remédios, senhora!** Eu era parteira, mas agora não sou mais, deixei. O médico disse que eu não tenho mais idade pra pegar criança.

Pois é, aí ó, nesse quintal, minha mãe plantava tudo quanto é remédio: mutuquinha, arruda, catinga mulata. Essa eu não tenho aí, mas é boa pra dor de ouvido, ela tem um cheiro bom, podia chamar cheirosa de mulata, num era? Pois é, ela é boa pra dor de ouvido, a gente agarra ela

com a tribo roxo⁵⁷, faz um composto com um pouquinho de óleo de andiroba e pinga no ouvido. Andiroba é bom pra tudo quanto é dor. É bom pra dor no joelho, dor no corpo, dor de garganta. Melhor de que muitos remédios por aí. Tem o algodão roxo, que é bom pra xarope também. Quando tá com o peito cheio, num tem aquele catarrão? Daí a gente pega e faz um xarope. E eu ponho algodão roxo, eu ponho a batatinha chinesa, eu ponho a hortelã grande, jatobá, copaíba, casca de copaíba, árvore de jucá, a buchinha, tudo isso... Graças a Deus que quando eu tenho feito, o pessoal leva e diz que melhora mesmo. Num para xarope aqui não, faço de panelada e sai tudo.

Aqui vem gente até de Porto Velho pra levar lá pra cidade. Ó, outro dia a menina, a minha neta, levou treze garrafinhas de xarope que é bom pra chiado no peito. Teve uma mocinha também que veio aqui pedir pra eu fazer um xarope porque a filha dela tinha uma gripe muito forte. A bicha tava ruim, faltava morrer, ó. Aí eu mandei duas garrafas pra ela. Passou um tempo e ela mandou virem aqui agradecer muito, pediu a Deus pra me dar mais muitos anos de vida. Diz ela que graças a Deus nunca mais a meninazinha teve uma gripe daquele jeito. Ela tava com aquele tal de chiado, sabe?

Então é assim... Por aqui, o que eu faço é plantar minhas plantinhas e capinar meu quintal quando tá sujo, lavar roupa, varrer casa, faço comida, tudo isso eu faço. Aqui sou eu, Deus e meu filho. Meu filho me ajuda, ele trabalha, pega o dinheirinho dele, tira o meu de lá⁵⁸ da cidade e pega o dele

57. Também conhecida como “trevo roxo”.

58. Muitos moradores da Resex recebem benefício do Bolsa Família e/ou da aposentadoria e todo mês precisam sacá-los em Porto Velho.

também, faz compra, e assim nós vamo vivendo... Graças a Deus, ele é trabalhador, o meu filho.

E é assim que a gente vive até quando Deus quiser, né? Pegando uma pula proa, uma pula popa⁵⁹, e vai... Meus problemas, Deus toma de conta. Às vezes eu tô doente e dizem: “*Dona Valdivina, vai pro hospital, maninha*”. Ah, eu vou nada! Vou não. Eu tenho o meu doutor e tenho uma confiança muito grande Nele. Dou graças a Deus que eu tô aqui até quando Ele quiser. A gente, pra viver no mundo, é preciso saber, né?

Fotografias

1. Dona Valdivina, 2019.
2. Dona Valdivina e a vista em frente de sua casa, 2016.

59. “Pegando uma pula proa, uma pula popa” é uma expressão local que se refere aos obstáculos da vida. Trata-se de uma metáfora que faz referência ao deslocamento da pessoa que está pilotando a canoa, que transita entre a “proa” – parte dianteira, onde acomoda-se quando vai remando pelo rio – e a “popa” – parte traseira. Na proa da canoa, a pessoa normalmente se acomoda quando necessita remar, na popa é onde fica o motor. Quando ligado, a pessoa necessita se deslocar à parte traseira para pilotar.



SEU PAÇOCA
NÚCLEO PUPUNHAS

A gente aprende, continuando fazendo, né?

Nasci e me conheci aqui no Lago do Cuniã, fui me criando, criei meus seis filhos e agora já caiu os meus dentes até, eu só saio daqui pro cemitério. Num tem esse negócio de sair pra outros cantos, não. Porque por onde eu já andei, não achei um lugar melhor que aqui. Bem difícil. Saio daqui só se for pro céu mesmo. Tem sim uns lero lero, umas confusão por aí, mas é o lugar mais preferido de mim, sabe?

Eu tenho 59 anos, já tô é velhusco. Tô doido pra me aposentar. É com 60 anos, né? Nunca tive carteira assinada, esses negócio de emprego. Às vezes eu trabalho num canto, logo vou pra outro canto, mas nunca gostei de ficar fichado em uma firma, sabe? Porque eu gosto de fazer e conhecer muita coisa e quando cê tá na firma, cê é mandado a fazer sempre a mesma coisa num mesmo canto. E também, trabalhar naquelas casas fechadas, dá aquela agonia, num dá não.

Aqui eu vivo da pesca. A gente pesca direto, mas tudo tem um limite, né? Pra preservar aquilo que nós temos, tem que tentar não mexer muito na natureza. Não digo que não pode pescar, mas é uma coisa que a gente tem que pensar pra poder transformar aqui, né? Quando eu comecei a matar peixe acho que eu tinha uns 7 anos. Nunca parei e tem gente hoje aqui no Lago do Cuniã que tá mais tranquilo por causa disso, porque tem peixe.

Minha renda vem daí e do movimento de moto⁶⁰. Às vezes também chega alguém pra deixar a motinha e eu tomo conta. O que eu tiro é manerozinho, não é muito não, mas graças a Deus que movimenta alguma coisinha e devagarzinho nós vai juntando.

Porque, olha, eu já andei em lugar aí, minha filha, que, meu Deus do céu, é difícil. Em cidade você não pode nem dormir direito. Aqui tem as dificuldades sim, mas cê ata a rede num igapó desse aí, ó, e passa a noite todinha, só vem atormentar uns mosquitozinhos. É um lugar muito preservado esse Cuniã, é o nosso prato de farinha, né? Nós tamo tomando conta, tamo zelando e tal. Tem jovem aqui, ó, tudo novinho, que vai aprendendo com nós, que vamo passando esse conhecimento pra eles. Eles precisam ter essa história.

O que eu acho ruim aqui é que já era pra ter um transporte da comunidade. Porque toda vez que vamos pra cidade comprar mercadoria, o custo pra voltar com a mercadoria toda pra cá acaba sendo o dobro do que nós pagou quase. Então seria bom que tivesse um transporte pra gente. Seria uma ajuda muito grande pra comunidade também porque se você vai com 200 reais pra cidade,

60. O acesso ao Lago do Cuniã por via terrestre acontece, principalmente, durante o verão amazônico, quando há pouca chuva e é a época baixa dos rios, igarapés, etc. Partindo da comunidade de São Carlos, é possível seguir viagem em uma motocicleta por quinze quilômetros até a RESEX. Geralmente, moradores locais e do entorno trabalham realizando esse trajeto e o Seu Paçoca é responsável por registrar em um caderno quem entra na comunidade por esta via.



compra um rancho⁶¹, e depois pra voltar? Como é que fica? Mais da metade é só pra pagar o transporte. Chegando em São Carlos, se num dá pra trazer as mercadorias tudo de uma vez, tem que pagar às vezes de quatro ou cinco motos pra chegar aqui com tudo. É muito triste, muito doido isso aí. Tudo isso já era pra ter, mas é difícil, né, minha filha, é difícil sim, mas se você botar na sua cabeça e preservar aquilo que você quer, você vai chegar. Não vai subir de uma vez pra chegar lá no céu, não. É de degrau em degrau: *“aqui deu bem, aqui vai dar melhor, aqui não é bem assim não”*, mas chega...

61. Rancho é uma expressão regional muito utilizada nas comunidades que se refere à comida.

Pelos anos que tem a Reserva, já era pra ter uma coisa bem arrumadinha aqui no Lago do Cuniã, mas também tem que ter união, tem que se ajuntar, conversar. Olha, tem muitos aqui no Cuniã que passam por cima de muita coisa difícil. E é por isso que nós tem que se abraçar, trabalhar a amizade porque, se não, a coisa fica ainda mais complicada.

É isso que eu falo: se nós trabalhar unido, a gente vai chegar. Custa, mas chega... Assim como muitos diziam que aqui nunca ia nunca ter luz, água tratada, poço. Se eu for contar, ó, minha avó mesmo, minha avó faleceu dizendo: *“Ih, meu filho, isso aí é leseira, isso nunca vai ter aqui não. Luz, só pra quem é da cidade. Aqui no interior, nunca vai ter, vai ser sempre lamparina”*. E olha hoje aí, viu como é que é?

Então, tudo isso você vai vendo e vai aumentando a sua mente, mas tem gente que não guarda isso. Por isso que é bom a pessoa prestar atenção, ficar ligada nisso aí. Aqui já teve uns projetos bacanas que foram pensados e eu falo pro pessoal: *“Gente, vocês tem que escrever esses projetos e guardar, guardar mesmo. Guardar num livro que vocês tão estudando porque no dia de uma reunião que tiver várias pessoas, vocês apresentam”*. Mas se eu fico calado, esse aqui também fica calado, aquele outro ali também, aí tudo isso vai caindo nas costas de quem? Na nossa mesmo. Nós temos que olhar pro que já foi feito e dizer: *“Olha, isso daqui, no tempo que era o Paçoca, ó, cresceu um pouquinho, mas só que no tempo do fulano diminuiu 10%”*. O que é que vocês acham? O Paçoca fez mais, ou esse aqui fez mais? Quê que vocês acham aí? Por isso é que tem que registrar as coisas e conversar porque nós é que temos que preservar.

Pois é, menina, quer dizer então que cês vão organizar esse livro? Vai ser bom, cara, muito bom. Já faz muitos anos que eu pensava nisso aí, ó. É como eu sempre falo pro povo e eu falo pros meus filhos: é muito importante você entrar num lugar que nem esse e sentar, conversar melhor, entender, explicar e perguntar: *“E aí, minha filha, como é que tu tá? Tu tá bem? Como é que tu trabalha?”*. Porque você vai explicar pra ela e ela vai explicar pra você.

E quer dizer que toda nossa conversa vai ficar em papel? Que bom, ó, uma hora que a pessoa num tiver o que fazer, pega lá, fica lendo e descobre que no meu tempo era assim, no tempo do fulano era de outro jeito e hoje já tá de outro jeito. Então é bom ter um livro, ó, esse livro que eu tenho aqui do Xingu⁶², dos Villas Boas⁶³, a gente fica bobo de ver uma coisa dessa. Eu passei lá, sabia? Tive lá e não foi só um dia não, foram dezesseis dias. Vou te mostrar umas fotos. Fui pra lá porque um pessoal me chamou pra ir com eles lá conhecer. Ah, de vez em quando eu saio por aí andando, é bom, cara, bom as pessoas conhecerem esses lugares.

Olha aqui, ó, esse óleo da castanha é lá do Xingu. Esse artesanato daqui também veio da castanha, é feito com casca da castanha e com casca de cupuaçu. Como é que pode, né? É tanto disso que se jogava fora e olha que

62. O Parque Indígena do Xingu (PIX) localiza-se na região nordeste do estado do Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira.

63. Os irmãos Villas Boas, Cláudio, Leonardo e Orlando, foram os indigenistas continuadores das ideias defendidas por Marechal Rondon, com quem começaram a trabalhar em 1945 na expedição Roncador-Xingu.

lindo essas cumbuca que dá pra fazer com essas casca. Minha esposa que começou a fazer, ela teve a ideia e pronto. Isso aqui já foi pra muito longe. Pra São Paulo já levaram um bocado. Outro dia tinha um cara lá no barco passando e vendendo, eu olhei e pensei: “A da mulher é mais linda, essa eu não levo não”.

Mas é bom isso aí, às vezes eu fico pensando, tanta coisa que tem aqui pra gente trabalhar. Aqui tem muita matéria-prima. Olha aí: eu faço zagaia⁶⁴, faço arco, faço flecha, faço um pilão, faço um de monte de pilão, faço remo também, tudinho... faço anel, faço colar, e quando eu num tenho mais o que fazer, eu invento uns negócio ali. Vejo as pessoas hoje em dia paradas e eu fico agoniado. O que eu vejo que eu perdi foi que eu deveria ter estudado mais. Rapaz, eu sempre falo pros meus filhos: “Meus filhos, cês tem que estudar um pouquinho mais, estudar mesmo”. Isso aqui, ó, tudo eu que faço tem que fazer porque uma hora quando cê tá aperriado, aí rapidinho você desenrola, 10, 15, 20 reais. A pessoa não pode parar não, tem que continuar a fazer, não pode parar de jeito nenhum...

Que nem eu comecei a fazer o arco e flecha com o meu pai, fui aprendendo com ele, né? Aí fazia o remo... **A gente aprende, continuando fazendo, né?** O velho vai ficando mais velho, cansado, mas passou o conhecimento pro filho. Aí, graças a Deus, devagarzinho a gente vai indo.

64. Zagaia é uma lança curta e delgada, usada como arma de arremesso por povos ou indivíduos caçadores. Também pode ser usada como ferramenta de pesca. A zagaia conta com uma ponta de chifre de animal ou em ferro, que pode resumir-se a um esporão perfurante ou espigar-se com farpas.



Fotografias

1. Seu Paçoca, 2019.
2. Seu Paçoca mostrando os artesanatos que produz, 2019.
3. Artesanatos feitos da casca do cupuaçu por Dona Hermosina, 2019.



DONA ILMA
NÚCLEO SILVA LOPES

Eu gosto de ir no remo, no silêncio

Nasci em 1959, é o que tá no documento, né? Sou do Amazonas, município de Manicoré, de um lugar chamado Capanã Grande. De lá fui pra Porto Velho e depois vim para o Cuniã. Nem lembro quando, ó, acho que faz uns 25 anos. Era minha vó quem me criava, quando ela faleceu eu vim pra cá porque minha mãe morava aqui. Eu já tava grande, comecei a trabalhar, arrumei marido, tive minhas três filhas, daí até hoje eu tô aqui. Minha mãe é amazonense, ela conheceu o segundo esposo dela no Cuniã, ele é daqui, casou com ele e teve mais três filhos, viveu até a morte nesse lugar. Eu gostei daqui, é tranquilo, ninguém mexe em ninguém. Aqui você dorme de porta aberta, cidade não tem disso.

Eu gosto de pescar todo dia, só que não é só pescar, eu trabalho também. Faço meu dever de casa e, qualquer trabalho, eu tô trabalhando. Tem a minha roça, onde planto macaxeira e mandioca, mas o que eu mais gosto mesmo é de pescar. De onde eu vim, lá no Amazonas, todo mundo pesca e aprende por conta própria mesmo. Vai crescendo, vendo o pai e a mãe pescando, não demora muito está pescando também. Eu pesco desde a idade dos 6 anos, só na canoa e no remo. O pessoal aqui geralmente usa mais motorzinho, eu não. **Eu gosto de ir no remo, no silêncio.** Gosto de pescar só. Só, não, com Deus. Quando vou de companhia com alguém que também vai pegar peixe, a gente chega lá no meio, eu varo pra outro canto. Não gosto de pescar junto, não sei por quê. Não é melhor quando cê tá sozinho, só no silêncio?

Todo dia eu volto com peixe, só quando não tem mesmo... Pra mim é bom pescar em noite de lua cheia. Pra alguns não é bom, mas pra mim é, dá uma sorte, ó. Eu pego mais peixe no luar do que no escuro porque no escuro você não vê quase nada, tem que usar lanterna. No luar nem precisa de lanterna quando a lua tá bem cheia. Eu gosto de pescar no luar, de olhar o céu à noite, olhar a lua. Eu gosto do pôr do sol e também quando vai nascendo as estrelas, é muito bonito. E a rotina daqui é só essa mesmo, todo tempo a mesma coisa.

Tu quer uma história, assim, bem comovente? Então vou falar. Uma vez eu fui pescar e levei minha neta, aí comecei a pegar peixe, peixe e mais peixe! Apareceu de todo tipo, não sei como veio tanto. Depois de um tempo, começou a chover. Era umas três horas da tarde. Olhei pra canoa e já estava carregada de peixe, aí eu falei: *“Taiane, vamo embora”*. Mas quando eu quis sair dali, não consegui. Não conseguia de jeito nenhum, parecia que tinha alguma coisa impedindo. Olhei em volta e as árvores estavam com aqueles pinguinho d’água, tipo a neve que a gente vê na TV? Tava daquele jeito. A coisa mais linda, como eu nunca vi na minha vida. Eu continuava tentando sair pra cá pro lago e não conseguia. Aí eu falei: *“Meu Deus do céu”*! Foi dando quatro horas, cinco horas da tarde, e eu não conseguia sair. Aí eu olhei pra uma árvore, a árvore mais linda, e parecia que ela estava me chamando. Fui remando a caminho dessa árvore, eu tava querendo abrir caminho pra poder passar. Coloquei a mão pra empurrar a canoa e tentar abrir o caminho, mas ao invés de abrir, ficou ainda mais fechado, sabe? Parecia que tinha algo me empurrando pro outro lado do rio.



Quando eu olhei pra trás, a Taiane tava da cor de um algodão: branca, branca, branca. Aí eu falei: *“Meu Deus do céu, não é pra cá não. Como é que eu vou sair daqui agora”*? Nessa hora, olhei pro lado da canoa e vi um boto aqui e outro ali, assim, um de cada lado com o braço bem aberto. Aí eu falei: *“Ah, então são vocês, né”*? Foi então que eu pensei: *“Eu vou sair em nome de Jesus, eu vou sair daqui”*. Tentei, tentei, tentei, tentei até que consegui, isso já estava dando sete horas da noite. Aí eu falei: *“Se eu não conseguir sair por esse lado, eu vou então pelo caminho por dentro do Arrozal”*. Foi assim que eu fiz, fui até lá empurrando capim, que tem um tempo aí que é só capim duro, sabe? Assim, que cê pode até pular em cima dele n’água que não afunda. Não tinha banzeiro. Sabe o que é banzeiro? É quando formam umas ondas no rio. Mas não

tinha banzeiro, só que quando eu cheguei no meio do rio, menina, vinha aquelas ondas bem grandona, sabe!? Eu pensei: “*Mas como?*”. Não tinha vento, não tinha chuva, não tinha nada. Pensei comigo que aquele negócio não queria que a gente viesse pro porto, só pode. Aí foi quando eu falei pra Taiane sentar bem perto de mim, na proa da canoa, botei ela bem pertinho pra proteger. Aí eu consegui varar aqui, mas quando eu cheguei no porto e olhei pro rio, não tinha banzeiro nenhum. Acredita? Estava normal. Cheguei em casa quase dez horas da noite, aí minha menina, preocupada, perguntou aonde eu estava. Eu só disse que estava pescando e pensei comigo mesma: “*Outro dia eu vou sozinha ver onde é que eu tava e não conseguia sair*”. Voltei lá e o pau estava todo arranhado bem no caminho onde era pra eu sair pra atravessar pra cá. Muitos dizem que algo queria encantar eu e a Taiane. Um das pessoas aí já falaram que se eu não tivesse conhecimento desse lago, nem sei o que teria acontecido com a gente, ó... É que eu pedi a ajuda de Deus, cê tá entendendo? Por sorte consegui sair. Não fiquei com medo não, eu só me preocupei com a Taiane, que tinha uns 9 anos.

Pois é, esse lugar aqui é bonito, mas é encantado. Aqui aparecem coisas que não é pra gente ver. Está entendendo? Eu já vi movimento de alguma coisa se mexendo e ao mesmo tempo não tinha nada. Já vi a cobra grande aqui no lago, foi no tempo em que minha mãe era viva. Tinha uma igreja que eles tomavam de conta, sabe? Eu ia pro culto umas seis e meia da tarde e tem um lugar aí chamado Igarapé do Campo, que era um pitiú⁶⁵, mas um pitiú, que só faltava o boto e o jacaré sair em terra. Foi quando eu olhei pro lado, olhei pro outro, e falei:

65. Cheiro forte, como o de peixe.

“*Mas o que é que tá acontecendo?*”? Quando eu levei a vista pra lá, vi aquela coisa enorme. Enorme! Aquilo brilhava, era de escama e bem grosso, ó. Ela ia nadando só com um pedaço do lado de fora, o resto estava dentro da água. O pessoal fala que é a Cuniã, mas eu não sei não. Aqui tem a história de uma cobra, de uma índia que se encantou e virou cobra. Já ouviu falar? O pessoal fala que há muitos anos aqui era uma reserva de índio. Às vezes, quando eu vinha pra cá, eu ia cavar a terra lá para os lados onde minha mãe morava e achava uns pão enterrado. Ficava só aquelas casconas, aí eu mostrava pra minha mãe e ela me falava que aqui antigamente era reserva de índio. Ela disse também que vieram umas pessoas, invadiram e mataram esses índios. Aí dizem que tinha uma moça muito bonita, uma índia que se transformou numa cobra, que se dá o nome de Cuniã. E até hoje o lago é chamado de Lago do Cuniã, que é por causa dessa índia bonita.

Pois é, esse lugar aqui é maravilhoso. Tem muita história. Minha história é essa aí, mas cada pescador tem uma história pra contar, entendeu? Um vê uma coisa, outro vê outra, só que eu falo o que eu vi, né? Mas vários aí tem história...

Fotografias

1. Dona Ilma em frente à sua casa, 2019.
2. Caminho da pescaria no remo, 2022.



JOÃO BERNALDO
NÚCLEO SILVA LOPES

Era no tempo da escravidão

Eu nasci aqui no Cuniã e hoje eu tô com 74 anos. Já foi mais difícil viver aqui, agora não. Graças a Deus, a gente tem outra vida, né? O que eu passei dos meus 12 anos pra cá, eu lembro tudo: nessa idade trabalhava com meu pai já, ajudava ele no plantio de macaxeira, de roça. Ele era o cabeça, tudo era ele que resolvia, como é hoje aqui dentro de casa: tem minha família e quem resolve sou eu. Meu pai faleceu com 40 anos e eu fiquei tomando conta da família porque meus irmãos todos eram pequenos. Daí era eu e minha mãe trabalhando. Nós passamos a vida muito difícil mesmo.

Em 1965 eu fui servir no quartel. A batalha foi difícil... Logo que chegamo em Porto Velho, era o quinto batalhão, quem construiu todas essas estradas foi o batalhão. Eu tava gostando e era um bom soldado, não tinha falta nenhuma no quartel. Eu sempre conto pro pessoal que naquele tempo cê andava Porto Velho toda a pé e não tinha violência, não tinha nada. Cê dormia em qualquer hora debaixo de umas árvores na beira da rua e não tinha quem lhe mexesse. Hoje, cê não pode sair sem olhar se vem um carro, se vem um bandido por ali. Pois é, minha vida continuou assim... Depois que meu pai morreu, eu endoidei e vim embora pra casa cuidar dos meus irmãos. Eu tinha 18 anos. Minha mãe, graças a Deus, ficou com nós, ela morreu com 88 anos. Ela que contava história bonita aqui do Cuniã.

Da geração da minha mãe, que nasceu em 1920, só tem uma senhora, a Dona Valdivina, que mora no Pupunhas.

Ela que representa a mais velha daqui porque dos antigos já morreram tudo, só tem neto, bisneto e os filhos já estão velhos também. Já se acabou quatro gerações do meu tempo pra cá... O Joca é do meu tempo, aí vai ficar essa tropa, toda essa geração: eu, Joca, Geraldo, Manelzinho, o Dudu e lá no Araçá tem o Mair também. Aí vem a outra geração que é do meu filho mais velho, de 40, 50 anos. Lá no Araçá tinha muita gente da geração da minha mãe. Que eu conheço, tinha o Alegário, a Dona Chica, Doca, Zé Caboco, Nego Lope, Mundaka, Zé Braga. Aqui tinha o Medeira, o João Branco, Luiz Branco, irmão do Seu João Branco... Tinha mais gente, é que eu tô muito esquecido.

Eu me lembro muito do finado Seu Dama. Ele era um português, feitor de tarrafa⁶⁶, tenho até uma aqui em casa. Só ele, e acho que mais uns dois, que tinha forno de torrar mandioca. Rapaz, tem mais de cento e poucos anos esse forno, é de um material que não se acaba. Naquele tempo, pra torrar farinha tinha que ir até lá e antes cê tinha que agendar pra poder fazer e ainda tinha que pagar. Era um sacrifício, torrei muita farinha, mais meu pai, por lá. “Dois remos” que chama, ele de um lado com um remo e eu com outro, do outro lado do forno, né? Rapaz, nós chegava cedo, deixava o material tudo preparado e quando era 5 horas da manhã, nós tava lá já pra fazer a farinha. Aí era enxugar com a sarrapilha⁶⁷, peneirar enquanto o outro tava preparando o fogo pra pôr a massa. Ia assim... Às vezes, até 1 hora da tarde era o total de torrar 10 latas. A demora era essa, era

66. Rede de pesca circular, de malha fina, com pesos na periferia e um cabo fino no centro, pelo qual é puxada.

67. Espécie de pano do mesmo tipo e textura que os sacos de estopa ou juta.



custo. O total de farinha que cê fizesse, era um tanto que cê pagava pro dono do forno. Ele tinha que ter um retornozinho, né? Se cê torrava 50 litros⁶⁸ de farinha, cê tinha que dar uns 10, 15 litros pra ele...

Eu torro farinha ainda, só que meus filhos não querem mais que eu faça isso. Eu só vou pra ajudar porque eu gosto de tá lá dando palpite: “*Não tá do meu gosto não, não queima assim, faz mais grossa*”. Hoje tudo é moderno, a gente tem aí nossa farinheira com dois fornos grandes, mas antes a gente ralava a macaxeira na mão pra moer e tirar a goma. Hoje não, tem motor, cê torra aí umas tantas latas de farinha, e quando dá 9 horas já tamo

68. 1 quilograma de farinha equivale a 1,9 litros.

terminando o serviço. Sai farinha quentinha, boa, do jeito que a gente gosta de comer. Tem gente que não sabe fazer, que não aprende. E farinha comprada não é do gosto da gente, sabe? Tem ciência nisso de fazer a farinha. Pra fazer o escaldamento, a farinha tem que ser escaldada numa temperatura nem muito alta, nem muito baixa, pra ficar cozida a massa e pra não embolar tanto e grudar. Eu vendia muito e, até hoje, se eu ainda pudesse trabalhar... Eu gosto de trabalhar assim, fiz muita farinha pra vender, muita, muita, muita.

Eu tinha mais fé de ganhar dinheiro na produção de farinha do que se fosse na produção de peixe. O peixe é assim, não tem ciência: tem vezes que dá demais, tem vezes já que não dá nada, tem vez que não dá pra assumir o compromisso. Com farinha não, fazia e vendia, não faltava um dinheiro em casa. E era fartura!

Sabe o que é a goma da mandioca? Cê tira a goma e traz pra cá pra fazer o beijuzinho de manhã, quentinho. Aí eu quebro muita castanha, porque nós tem umas castanheiras aí, molho elas todinhas e quando termina eu já tô com a goma preparada, aí eu peneiro tudo junto. Lá mesmo, dentro do forno, eu corto tudinho e aí vou vizinhar, levo pra família toda. O beiju é gostoso com castanha, né, mas é difícil eu fazer isso. Agora eu não aguento fazer nada por causa da coluna, né...

Pra cê ver como era difícil... Na minha época, minha mãe tirava o óleo do peixe e fazia uma tal de candeia pra alumiar a noite, pra gente se clarear. Tinha um cheiro ruim, mas não tinha outro jeito. Por aqui não tinha energia, não tinha nada, nem combustível pra comprar. Era difícil. Nós aplantava o milho, aplantava o arroz,

papai e mamãe aplantava o feijão. Ela gostava de plantar tudo: batata, jerimum, tudo nós tinha... cana... O café era da planta, feito do açúcar da cana. Tinha o aparelhinho pra tirar a garapa que chama, né? Isso tudo, se quisesse tomar um café... Porque dinheiro pra comprar não existia. Naquela época, o café era em caroço, não vinha café embalado como vem agora, torrado e moído.

Meu pai pescava. Naquele tempo, a profissão que tinha mais aqui era pescaria, mas era difícil vender o peixe porque não tinha comércio, né? De quinze dias a um mês, os marreteiros⁶⁹ entravam aqui pra pegar o produto e ninguém falava em dinheiro, era tudo no troco. Cê tinha o couro do jacaré, cê tinha farinha, cê tinha pirarucu, cê tinha porco... Aí o marreteiro chegava no seu porco, cê entregava teu produto, ele tomava nota e cê pedia o que cê precisava pra alimentação de casa, que a gente chama de ranchinho. Aí ele rasgava a nota e jogava fora. Não sabia quanto dava, quanto sobrava, quanto nada. Ele ainda dizia que caboclo não tinha conta: nem ele devia pra você, nem você devia pra ele. **Era no tempo da escravidão** ainda... Naquela época, de 1965 pra baixo, a vida era daquele jeito, trabalhando no sacrifício.

69. Nesse período, o comércio de produtos da floresta era feito de forma ainda mais exploratória, deixando os produtores expostos ao aliciamento de atravessadores, também conhecidos como marreteiros, ou de patrões e comerciantes. Atualmente, o extrativismo sustentável é uma atividade econômica comum em comunidades ribeirinhas e uma forma de conservação da floresta. Por isso, é importante a existência de projetos e políticas de organização comunitária que evitem uma relação de dependência em que a produção é repassada aos marreteiros por preços muito baixos.

Meu avô, quando veio pra cá, ainda existia os índios Mura⁷⁰, que moravam aí nesse rio. Depois, conforme foi habitando mais gente aqui, acabaram com os Mura, mas mataram muito índio. Foi no tempo que virou um seringal grande aí pra dentro. Tinha o patrão do seringal que botava o pessoal pra trabalhar: o patrão pegava a borracha e o seringueiro pegava o produto, a alimentação. Se um seringueiro era ruim, não fazia nada de borracha e não pagava a conta no final, o patrão mandava os outros empregados darem uma surra nele e mandava embora. Ainda tomava a mulher dele e dava pra outro seringueiro que considerava bom. A história é essa. Naquele tempo era a lei do bicho, né? Não existia justiça. A lei era matar e pronto, a ordem era essa... Nesse tempo, veio um bocado de gente do seringal, tudo morrendo de fome. O dono do seringal faliu e aí os seringueiros vararam por aqui sem nada, sem nada, carregando borracha nas costas não sei por quantas horas. Pois é, a história que eu tenho do começo do mundo, quase bem dizer, do meu tempo, é essa. Se quiser aparecer pra gente conversar mais, tem mais história pra frente, eu vou lembrando...

Fotografias

1. João Bernaldo, 2019.
2. Descanso pós almoço, 2022.
3. Vista da varanda de sua casa, uma das mais altas do lago, 2022.

70. Povo indígena que originalmente habitava esse território. Atualmente, ocupa áreas no complexo hídrico dos rios Madeira, Amazonas e Purus. Vivem tanto em Terras Indígenas demarcadas, quanto nos centros urbanos regionais.





TERRITÓRIO MARCADO PELOS FLUXOS EXPLORATÓRIOS

Rondônia é um estado bastante recente na história brasileira, território marcado pelos fluxos exploratórios motivados pela busca de riquezas minerais e vegetais e pela consolidação de uma base de produção mercantilista. Em 1943 foi criado o Território Federal do Guaporé e, em 1956, a região passou a ser chamada de Território Federal de Rondônia. A categoria de estado surgiu apenas a partir de 1982.

Os primeiros habitantes a ocupar a região hoje denominada Rondônia estão na Amazônia há mais de 12 mil anos. São povos indígenas de diversas etnias, dentre elas os Mura, Karitiana, Cinta Larga, Paiter, Kaxarari, Oro Win, Aruá, Kwazá e Nambiquara. Por volta de 1688, por meio das missões jesuítas, ocorreram os primeiros contatos de identificação, e foi a partir do século XVII que os colonizadores portugueses começaram a percorrer o território. No século XVIII, com a descoberta e a exploração de ouro na região, aumentou o interesse pelas terras, o que culminou na construção do Forte Príncipe da Beira⁷¹, às margens do Rio Guaporé, construído a partir de abril de 1775 para defender o país da ofensiva dos espanhóis. A presença do forte promoveu a ocupação de militares e estimulou a implantação dos primeiros núcleos coloniais, os quais prosperaram no fim do século XIX com a exploração da borracha.

71. O Real Forte Príncipe da Beira localiza-se na margem direita do Rio Guaporé, no município de Costa Marques. É considerada a maior edificação militar portuguesa construída fora da Europa no Brasil Colonial, fruto da política pombalina de limites com a coroa espanhola na América do Sul, definida pelos tratados firmados entre as duas coroas entre 1750 e 1777.

No contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil elevou a produção da borracha a fim de multiplicar sua produção para os Aliados⁷² nos Estados Unidos. Nesse momento, foram convocados homens para atuar em duas frentes. Uns diretamente no conflito armado - os “pracinhas”-, e outros recrutados para cortar seringueiras na região amazônica. Os seringueiros ficaram também conhecidos como os “soldados da borracha”.

Na época, a promessa era que ambos os grupos teriam os mesmos direitos no final do conflito. Um acordo entre o governo estadunidense e o governo brasileiro previa o pagamento de uma indenização ao exército brasileiro, porém, a indenização nunca chegou aos seringueiros. Enquanto os pracinhas voltaram ao país como heróis de guerra, remunerados pelo serviço prestado, os seringueiros ficaram esquecidos e desamparados, submetidos a um regime semi-escravista. Continuavam trabalhando para os seringalistas, donos das terras, muitas vezes em troca de mercadoria para sobreviver ou de equipamentos, como forno para torrar farinha, por exemplo.

Após esse episódio, na década de 1970 houve a atração de agricultores de outros estados para a região. A ideia de progresso na época considerava o desmatamento da propriedade adquirida como benéfico para a agropecuária. O desmatamento era, inclusive, um requerimento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para que o proprietário mantivesse a posse da terra. Um dos principais resultados dessa prática foi o aumento da devastação na região amazônica, o que propiciou a proliferação da malária, ocasionando muitas mortes.

72. Os Aliados eram o grupo de países formado por Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos, que enfrentavam os países do Eixo, Alemanha, Itália e Japão.

A cidade de Porto Velho pode ser considerada como um longo quebra-cabeça. Trata-se da capital brasileira de maior área territorial, com uma população de 460.434 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico de 2022, dividida em 12 distritos (Porto Velho, Abunã, Calama, Demarcação, Extrema, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, Mutum Paraná, Nazaré, Nova Califórnia, São Carlos do Jamari e Vista Alegre do Abunã). Cada um deles é oficialmente regido pela prefeitura, localizada no distrito sede, e tem um administrador oficial que é indicado pelo prefeito como o seu correspondente do poder público. A Resex Lago do Cuniã está vinculada ao distrito de São Carlos do Jamari.

Chegando em Porto Velho, cidade com o PIB mais elevado de Rondônia, é de surpreender a nitidez dos problemas de infraestrutura. Em poucos minutos andando pela cidade, é possível se deparar com esgotos a céu aberto, saneamento básico inadequado, obras públicas inacabadas, ruas esburacadas, falta de iluminação pública, entre outros. Se essa é a situação na área urbana mais rica e de maior interesse eleitoral, a sensação para quem vive nos distritos mais afastados é de completo abandono.

Porto Velho é uma capital que, estrategicamente, foi construída para não dialogar com o rio. Dificilmente as demandas locais das comunidades ribeirinhas e rurais são atendidas. “*É o rio que corta a cidade ou a cidade que enforca o rio?*”, aponta para essa questão o poeta nascido na comunidade de Itacoã, Elizeu Braga, trazendo o rio também como uma representação de toda a fauna e a flora local que vem sofrendo fortes impactos com a intervenção urbana. Um exemplo bastante emblemático é a construção das usinas hidrelétricas Jirau e Santo Antônio, que abastecem o Sul e Sudeste do país, enquanto as comunidades no entorno recebem energia via gerador. Além disso, o fenômeno da cheia do rio, que antes era motivado por causas naturais,

passou a ser imprevisível desde a construção das hidrelétricas em 2012. Dados da Agência Nacional de Águas (ANA) apontam que em 2014 o nível do rio Madeira atingiu 19,14 metros, um recorde histórico. Até 1997, o nível máximo que o manancial tinha subido era de 17,52 metros. Os moradores mais antigos relatam que naquele ano a água foi subindo devagar, levando alguns dias até chegar ao nível mais elevado. Portanto, eles tiveram tempo de se retirar de suas casas com segurança e levarem consigo os seus pertences. Já em 2014 foi diferente, pois, em aproximadamente 2 horas, suas casas já estavam tomadas pela água: um fenômeno nunca antes observado.

Os projetos de construção de grandes empreendimentos na região continuam crescendo enquanto as histórias de violência ocorridas ao longo dos anos seguem abafadas pelo poder público e, não fosse pela atuação da mídia alternativa, de ativistas e de lideranças locais, seriam completamente ignoradas. O escritor João Peres tem uma passagem no livro *“Corumbiara, caso enterrado”* que diz: *“À exceção da Madeira-Mamoré⁷³ e das expedições de Cândido Rondon pelo sertão, quase todo o resto é ignorado, [...] o que amplia a sensação de se viver em um estado transitório, por onde se passa ou se fica para mera exploração financeira. Os livros são poucos, a maioria se retroalimenta, alguns são oficialistas demais para que neles se acredite”⁷⁴.*

“Se não contar, a gente vai esquecendo - Memórias Ribeirinhas” busca trazer uma perspectiva não oficialista de gerações que observam e sentem os impactos no lugar onde seguem resistindo e coexistindo.

73. Peres se refere à estrada de ferro Madeira-Mamoré, ligando Porto Velho a Guajará-Mirim.

74. PERES, João. *Corumbiara, caso enterrado*. São Paulo: Elefante, 2015, p. 23.

A RESEX LAGO DO CUNIÃ

A história do Cuniã é bastante marcada pela resistência, por isso está bem arraigada a questão do pertencimento, que é sentido na fala dos moradores pela forte identificação com o lago. Muitos tiveram a oportunidade de sair e conhecer outros lugares, mas, sobretudo os mais velhos apontam que não existe outro lugar para chamar de casa que não seja o Cuniã. Em seus hábitos e rotina demonstram um profundo conhecimento da riqueza natural, tanto pela utilização de frutos e plantas nativas como remédio, alimento, feitiço de artesanato, como pela relação nutrida com o rio e com a biodiversidade local. O ato de pescar ou de fazer farinha, por exemplo, exige muita conexão com o ambiente e, durante esse processo, muitos relatam vivências com seres da floresta. Algumas narrativas trazem elementos que se mesclam com fantasias e imaginação, e em muitas histórias são encontrados pontos em comum nas sensações e percepções do ambiente. Cada morador traz a particularidade de como esse local influencia na sua história e na maneira de enxergar e agir na vida.

A Resex Lago do Cuniã está localizada na região conhecida como Baixo Rio Madeira⁷⁵, em Rondônia. Faz parte do município de Porto Velho, a uma distância de aproximadamente 130 km do centro urbano, e abrange uma área de 78.876 hectares. Nela, reside uma população tradicional com cerca de 450 pessoas, ou 100 famílias, distribuídas em cinco núcleos comunitários: Neves, Silva Lopes Araújo, Pupunhas, Araújo e Bela Palmeira.

75. O Rio Madeira é um dos principais afluentes do Rio Amazonas: nasce na Cordilheira dos Andes, na Bolívia, e banha os estados de Rondônia e do Amazonas.

O acesso à reserva pode ser realizado por via fluvial, através do Rio Madeira, ou, na época da seca, também é possível o acesso por via terrestre até o Núcleo Pupunhas, onde reside a família de Dona Hermosina e Seu Paçoca, porta de entrada a quem chega vindo da comunidade de São Carlos do Jamari. Após a chegada em sua casa, é necessário uma rabeta (pequeno barco a motor) para chegar aos Núcleos Silva Lopes e Neves, onde reside a maior parte das famílias e se concentram os serviços públicos locais.

A ocupação da área tem suas origens no primeiro Ciclo da Borracha, por volta de 1880 na Amazônia. Esse ciclo se caracterizou pela extração de látex das seringueiras visando atender às demandas do mercado internacional. Entre 1907 e 1912, foi construída a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, após um acordo político entre Bolívia e Brasil para escoar a produção de borracha desses países. Ela ficou conhecida como a Ferrovia do Diabo, devido à morte de milhares de trabalhadores de mais de quarenta nacionalidades, devido às más condições sanitárias e de trabalho. Em 1912, com a desvalorização da borracha brasileira, a construção da estrada entrou em declínio. Atualmente, cerca de 2,3 km de percurso dos trilhos funcionam como passeio turístico. Os atuais moradores da RESEX são descendentes da miscigenação de seringueiros amazonenses, de nordestinos que se fixaram nos seringais na década de 1980, e de indígenas da etnia Mura que já habitavam o território.

No final da década de 1980, em toda a área de abrangência do Lago do Cuniã, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e a Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA) sugeriram a criação de uma Estação Ecológica (ESEC), categorizada como Unidade de Conservação de Proteção Integral, onde a presença humana é admitida apenas para a realização de pesquisas científicas, sendo a visita controlada, como visitas técnicas com autoriza-

ção prévia, justamente para que haja o mínimo de intervenção no bioma local.

O projeto de criação de uma ESEC ameaçava a permanência das mais de 60 famílias que ali já residiam. Ainda em meados da década de 1980, iniciou-se um processo de retirada das pessoas, inclusive com a indenização de algumas famílias para se retirarem. Porém, alguns meses depois, muitos começaram a retornar às suas casas, pois não se adaptaram à vida longe do lago. Após um prolongado período de lutas por seus direitos de permanecer no local, a população conseguiu que parte da ESEC fosse convertida em Reserva Extrativista (RESEX). Em uma RESEX, é permitido habitar a área com o objetivo de proteger os meios de vida e a cultura das populações.

Durante esse processo de resistência, com forte envolvimento de professores e estudantes da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), em meados de 1982 foi formada a Associação dos Moradores do Cuniã (ASMOCUN). É a associação mais antiga do Baixo Madeira, criada com representatividade social e jurídica junto às esferas governamentais, visando, de início, garantir a permanência dessas famílias e evitar a criação da ESEC nas áreas em que havia pessoas vivendo. Após muita articulação com os órgãos públicos, em 1999 foi criada a RESEX Lago do Cuniã na área em que havia pessoas morando e a ESEC na parte não habitada.

Graças a esse movimento, foram possíveis diversas melhorias na comunidade. O Incra reconheceu os moradores do Cuniã como assentados da Reforma Agrária. Com isso, eles passaram a ter direitos a benefícios sociais de financiamento, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que visa estimular a geração de renda e a melhoria do trabalho familiar por meio do financiamento de atividades e serviços rurais.

A chegada de energia elétrica é recente. Em 2010, a comunidade passou a ser abastecida por uma termelétrica instalada no distrito de São Carlos do Jamari. Atualmente, todos os núcleos possuem acesso à internet, com exceção da família de Bela Palmeira. Na comunidade há um posto de saúde mantido pela Secretaria Municipal de Saúde de Porto Velho (SEMUSA) e a Escola Municipal Francisco Braga, que oferece aulas para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio através de mediação tecnológica por meio de parceria com o governo do estado de Rondônia.

O ensino público nas comunidades ribeirinhas de Rondônia é complexo, com problemas de falta de professores, de merenda escolar e de infraestrutura, entre outros. O ano de 2019 foi bem emblemático, pois estudantes do Baixo Madeira ficaram sem aula por causa de um caso de corrupção envolvendo a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Porto Velho e a empresa Flecha, acusada de desviar recursos para o transporte dos estudantes. Na época, todas as escolas foram fechadas e o ano letivo iniciou apenas em outubro. Quando os estudantes finalmente puderam retomar suas rotinas após um período de muita ansiedade para o início das aulas, a pandemia de Covid-19 iniciada em 2020 os afastou novamente. Tanto no Cuniã quanto em outras comunidades, a ausência da rotina escolar acarretou sérios problemas sociais e ambientais, como o trabalho infantil nos garimpos. No Cuniã, o ensino instável acarreta, sobretudo, a saída dos jovens para outras cidades em busca de oportunidades de estudo e emprego.

A economia local na RESEX Lago do Cuniã baseia-se na pesca para venda e para consumo próprio; na agricultura, com produção de mandioca e de banana; na caça, praticada em sua maioria para subsistência; e no extrativismo, principalmente do açaí e da castanha, além de outras frutas da floresta usadas apenas para consumo próprio, como cupua-

çu, graviola, andiroba, jatobá, goiaba, tucumã, biribá, piquiá, araçá-boi, inajá, ingá, jambo, patauí, pupunha, uxi, bacuri, bacaba, babaçu e abiú. Além disso, muitas famílias produzem farinha para venda ou consumo próprio, sendo um alimento encontrado na maioria das casas.

A maior parte dos moradores preserva técnicas ancestrais de artesanato: uma delas, de tradição indígena, é a de fazer as próprias canoas. Uma das famílias que vive no Núcleo Bela Palmeira é conhecida por desenvolver artesanatos diversos com materiais da natureza - talham madeira e criam esculturas representando animais e seres da floresta. Outros moradores utilizam sementes para criação de biojoias, casca de cupuaçu para vasos e artesanatos, entre outros.

Outra atividade que garante renda extra para a maioria das famílias é o manejo sustentável de jacarés. Em 2011, foi fundada a Cooperativa dos Agricultores e Pescadores do Lago do Cuniã (COOPCUNIÃ), por meio de uma articulação com a ASMOCUN e com assessoria do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e do Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). O Cuniã já possuía produção agrícola e iniciava o manejo do jacaré, mas não tinha configuração jurídica para comercializar seus produtos, por isso a criação da cooperativa foi de extrema importância. A COOPCUNIÃ foi criada para a comercialização do jacaré, mas também visa agregar outros produtos como óleos, artesanatos, pescados e até o turismo.

De 2016 a 2019, surgiu a necessidade de readequar as instalações e o frigorífico às novas normativas vigentes. Nesse período, portanto, houve reforma e aquisição de equipamentos para melhoria das condições de abate e comercialização. Em 2022 as atividades foram retomadas, após 5 anos paralisadas. Vale destacar que a pesquisa do manejo sempre esteve ativa para o controle de censo populacional, dinâmica da população e reprodução dos animais.

HABITAR UM TEMPO DILATADO

É muito importante entrar num lugar que nem esse aqui e sentar, conversar melhor, entender e perguntar - a fala de Seu Paçoca nos convida a nos aproximar, escutar e criar intimidade com saberes e histórias do território.

Para a construção do livro, utilizamos como referência a história oral, movidas também pelo desejo de que narrativas ribeirinhas, como muitas outras narrativas não hegemônicas, sejam cada vez mais contadas em primeira pessoa. A história oral, como preconizado por José Carlos Sebe Bom Meihy, busca registrar testemunhos de pessoas e grupos por meio da memória oral, ou seja, de acontecimentos vividos que são contados por meio da oralidade. Assim, ela possibilita acessar diferentes contextos sociais e históricos, conhecer a história para além dos documentos e registros oficiais, e ampliar a perspectiva considerando também o que foi vivenciado por diversos grupos.

Adotando alguns dos procedimentos da história oral - entrevista, transcrição, autorização e devolução - propusemos a alguns moradores da Resex Lago do Cuniã o registro de suas narrativas para compor um livro que, futuramente, retornaria a eles.

Nas conversas, dispensamos perguntas fechadas ou previamente estruturadas e pedimos apenas que nos contassem sua história de vida e sua relação com o Cuniã. Transcrevemos as gravações de áudio e iniciamos os processos de textualização e transcrição das narrativas. O primeiro processo significa, de modo geral, eliminar as perguntas feitas durante a conversa e transformá-la em texto, e o segundo consiste em manifestar na escrita os sentidos do que foi dito pelo narrador para além das palavras gravadas. Mantivemos a linguagem coloquial e os termos utilizados no vocabulário local, e, depois de muita reflexão e cuidado para

não reforçar certos estereótipos e preconceitos linguísticos, escolhemos quando fazer determinadas adequações gramaticais e ortográficas nas narrativas. Nesse processo, encontramos com o pensamento do linguista Marcos Bagno, que deu sustentação ao nosso desejo de conduzir o leitor por um olhar que valoriza a linguagem falada. Bagno compreende que a língua portuguesa, como muitas outras, é viva e mutante e, por isso, apresenta variações geográficas, de gênero, faixa etária, socioeconômica, nível de instrução etc. Em um de seus livros, o autor busca demonstrar que certos fenômenos, mesmo considerados erros na norma padrão, têm uma explicação e uma lógica do ponto de vista linguístico.

Ao final dessa etapa, retornamos ao Cuniã com as fotos e as narrativas transcritas para que cada morador pudesse validá-las. Todas foram autorizadas a compor o livro e algumas delas passaram por ajustes conforme por eles indicado. O retorno e a validação do material pelos moradores do Cuniã é uma condição básica da metodologia da história oral e foi planejado desde o início do projeto. Além de ser um compromisso ético com as pessoas, suas memórias e com o vínculo que ali se fortaleceu, foi um pedido das lideranças do Cuniã.

Na realização do projeto, decidimos registrar as histórias de pessoas mais velhas e também de jovens da comunidade com a intenção de possibilitar diferentes conexões entre elas, contemplando semelhanças ou diferenças nas vivências de cada uma. As narrativas desses homens e mulheres de diferentes idades manifestam a memória coletiva⁷⁶ dos moradores da RESEX Lago do Cuniã, uma vez que fazem parte do mesmo grupo social, compartilhando o mesmo território e modo de vida. Ao mesmo tempo, demonstram a

76. Consideramos a categoria de memória coletiva criada por Maurice Halbwachs.

memória individual de cada um deles, ou seja, suas experiências pessoais construídas a partir da memória coletiva.

Com a evocação dessas narrativas, desejamos colaborar com a valorização da memória coletiva como experiência que promove o enraizamento⁷⁷. Para criar raízes, é preciso cultivar vínculos com o outro e com o lugar por meio da participação ativa na vida comunitária, um processo que ribeirinhos e povos tradicionais realizam intensamente em seu modo de vida. Porém, esse processo é constantemente afetado por circunstâncias que geram rupturas em suas histórias pessoais. Por exemplo, a migração para centros urbanos por falta de acesso a serviços básicos na comunidade local, como o acesso ao Ensino Médio, a construção de empreendimentos como usinas hidrelétricas, que fazem com que os moradores precisem se deslocar de seu lugar de origem, a disseminação de novas tecnologias que enfraquecem o convívio e a narração de histórias, são alguns exemplos dessas circunstâncias no Cuniã e em outros territórios.

As narrativas que compõem o livro expressam experiências valiosas de pessoas que se percebem integradas à natureza e que carregam a sabedoria necessária para respeitar e cuidar da vida em seu sentido mais amplo. Nas últimas décadas, os modos de vida de ribeirinhos e de povos tradicionais sofreram diversas interferências em virtude do processo crescente de globalização. Nesse contexto de ameaça a essas tradições, reforçamos o valor cultural, social e político da memória, da narrativa e do registro. Habitar um tempo dilatado em que caiba a escuta e o re-conhecimento ativo do passado é uma possibilidade de nos aproximarmos do presente e de sonharmos o futuro.

77. O conceito de enraizamento utilizado foi concebido por Simone Weil.

FAZEM PARTE DESSA CONSTRUÇÃO

Agradecemos a todas as pessoas que estiveram com a gente nesse caminho.

Ao Rio Madeira que nos permite atravessar suas águas rumo a tantas histórias que dão sentido para que sigamos no fluxo da vida.

Agradecemos a Elizeu Braga, que nos convidou a colaborar com a Casa de Cultura Arigóca, em Porto Velho, lugar especial que nos abrigou em 2019 e onde surgiu a ideia de iniciar esse projeto.

A todos os narradores que disponibilizaram seu tempo, saberes e memórias para compor este livro. Felizes que mais pessoas possam conhecer e aprender com suas histórias: Diego, Seu Dudu, Dona Esvaldina, Francisca, Seu Chagas, Dona Gezuíta, Hugo, Dona Ilma, João Bernaldo, Raimundo, Seu Vivaldo, Dona Teresa, Seu Joca, Seu Paçoca, Seu Mair, Dona Valdivina.

Agradecemos Ademilton, forte liderança na comunidade que nos recebeu em sua casa e nos conduziu a alguns narradores, muito observador e um verdadeiro guia conector com a mata. Dizia não ser bom contador de histórias e preferiu deixar essa tarefa para outros moradores. Apesar de sua narrativa não estar presente no livro, ele nos envolveu com uma porção de histórias que guardamos em um campo especial da memória.

A Diego que foi um parceiro e tanto nos acompanhando durante as visitas e o registro das narrativas. Com 29 anos dizia que, desde muito novo, gostava de estar próximo aos mais velhos. Nos abriu caminhos para conhecer os anciões e anciãs da comunidade que nos receberam de portas e coração abertos.

A todos os moradores e moradoras do Cuniã que compartilharam suas histórias e sonhos e nos fazem seguir melhores sonhadoras: Dona Eliana, Alessandra, Tito, Gilberto, Khaleb, Coca, Ketlyn, aos professores Fernando, Néia e Flávio Dutka.

Aos moradores da comunidade São Carlos que nos receberam em suas casas: Dona Zezé, Edymar, Néia, Nenê e Catija.

Ao ilustrador do livro, Flávio Dutka, professor há mais de 15 anos no Cuniã. Diz gostar de observar a paisagem e pintar, faz isso desde que se entende por gente e sente que no lago sua criação artística flui. Obrigada por trazer essa fluidez ao livro.

Agradecemos ao ICMBio, especialmente a Cristiano Andrey Souza do Vale, aos funcionários Elza, Nazareno, Naldo, Fia, Alba pelas tantas trocas.

À professora Adriana Domingues por esse começo de tudo, por compartilhar as histórias que o rio conta.

À Luciana, da cafeteria Bookcafé em Porto Velho, que nos acolheu durante as tardes de trabalho, muitas vezes chegava presenteando com alguma comida, quando nos via dizia recordar de sua época de estudante, em que foi estudar em outra cidade e muita gente a ajudou.

Às pessoas que nos incentivaram e contribuíram de muitas formas para a realização do livro: Anaclara Volpi Antonini, Arine Caçador, Daiane Eufrazio, Everson Verdião, Gabriela Rabaldo, Ingrid Brizard, Juraci Junior, Liz Silva, Lucas Neves Lobue, Maurício Ferro, Marcela Bonfim, Marcia Mura, Milena de Paula, Poeta Mado, Seone Eufrazio, Silmara Molina Russo, Taiane Sales, Tulasi Resende.

Às instituições: Instituto Minhas Raízes, NAPRA, ICM-Bio, PNUD, Arigóca, Correio Sabiá.

A todas as pessoas que contribuíram na campanha de financiamento coletivo. Sua participação foi essencial para realizar esse sonho de levar mais pessoas a essa viagem

rumo a tantas histórias inspiradoras e que nos fazem melhores seres humanos:

Agostinho Russo, Aline Monteiro, Ana Liése Leal, Anaclara Volpi Antonini, André Chantre, Anna Carolina Oliveira Soares da Rocha Cruz, Arine Caçador Martins, Barbara Daniselli, Beatriz Marques, Beatriz Mendes, Betina Dauch, Brena D. Martins, Bruna Biar de Miranda, Bruna Pimentel, César Rangel, Cristina Villares, Dalva Stolagli, Emma da Cunha Lima, Everson Eustaquio Verdião, Felipe Amato, Fernanda Lenita Ribeiro, Fernando Gottardo, Fernando Martins, Gabriela Agune Peloso, Gabriela Rabaldo, Giorgio Garcia Cristofani, Haydée Torres de Oliveira, Helena M. Camilo Silva, Igor Bezerra Ramos, Irene Russo, Jefferson Campos, João Henrique de Souza, Larissa Ferreira, Leopoldo Soares Pereira da Silva, Ligia Martello Buchala, Luana Segal, Lucas Alessandro Duarte Amaral, Luiza Cianga Ramir, Marcia Cristina Martins da Silva, Maria Lucia Aparecida Moreira Duarte Amaral, Maria Tereza Cardia, Mariana Ayumi, Orides Cezaretto, Priscila Pereira, Renata Cossio, Renata Espinosa Alonso, Renata Mendes Bezerra, Salomé S. Santana, Samanta dos Santos Silva, Sílvia Regina Espinosa, Simone Mary Russo Pereira, Sophia Noronha, Thiago Macedo de Abreu Hortencio, Vinícius Parise.

Nossos sinceros agradecimentos,
Mariana e Thaís

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS E SUGESTÕES DE LEITURA

AMAZÔNIA em Chamas: o fogo apocalíptico de Rondônia. *Amazônia Real*, 3 ago. 2019. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/amazonia-em-chamas-o-fogo-apocaliptico-de-rondonia/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.

MENINOS Garimpeiros. *Amazônia Real*, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/especiais/meninos-garimpeiros/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SEM aulas há nove meses, crianças vão à biblioteca por conta própria, em Rondônia. *Amazônia Real*, 5 jul. 2019. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/sem-aulas-ha-nove-meses-criancas-vao-a-biblioteca-por-conta-propria-em-rondonia/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

IMAGENS

Foto 1. Entrada da Reserva, 2015.

Foto 2. Peixe recém-pescado no Cai n'água, em Porto Velho, 2017.

Foto 3. Rabeta cruzando o Rio Madeira, próximo a Porto Velho, 2017.

Foto 4. Barco que parte de Porto Velho em direção às comunidades ribeirinhas do Baixo Madeira, 2016.

Foto 5. Bananas colhidas na comunidade para serem vendidas no mercado de Porto Velho, 2022.

Foto 6. Vista para o lago pelo Núcleo Araçá, 2016.

A memória nunca é só uma
Ela também vem cheia de remansos e banzeiros

Elizeu Braga

